

## MONUMENTOS MEGALÍTICOS DA SERRA DO ARESTAL (SEVER DO VOUGA - VALE DE CAMBRA). INVENTÁRIO PRELIMINAR

Ana M. S. Bettencourt \*  
Teresa M. H. Rebelo \*\*

### 1 - INTRODUÇÃO

A realização de inventários, ainda que incompletos, justifica-se pela inexistência de um projecto sistemático de «Carta Arqueológica» e pela enorme quantidade de informações que, se perderiam pela não publicação de trabalhos deste tipo.

Os trabalhos de prospecção arqueológica, mesmo que elaborados em áreas relativamente restritas ou com pouca unidade geomorfológica, deveriam ser alvo de publicação imediata, pois são capitais para o conhecimento do património arqueológico nacional e para a sua preservação, conservação e defesa.

No domínio do megalitismo, tipo de monumentos que pelas suas características próprias se tornam, a olhos menos experimentados, pouco perceptíveis na paisagem, o ritmo crescente das destruições, provocadas pela florestação de grandes áreas, torna urgente a sua inventariação a nível nacional, primeira medida a adoptar numa política coerente de defesa deste património.

Se os argumentos, apresentados não justificassem este tipo de publicações, poderíamos acrescentar que sem trabalhos arqueográficos, são impossíveis estudos de âmbito geral, pelo que o inventário em questão constitui uma nova base de dados para quem sobre a região se venha a dedicar posteriormente.

O inventário compreende os monumentos megalíticos de carácter sepulcral encontrados nas áreas prospectadas da Serra do Arestal. Os concelhos abrangidos são os de Sever do Vouga e Vale do Cambra, este último ainda que de forma parcial.

Os dados obtidos em Sever do Vouga, resultaram de trabalhos pontuais iniciados em 1981 <sup>(1)</sup> e retomados de forma sistemática em 1987, inseridos num projecto de «Carta Arqueológica» <sup>(2)</sup>. Os monumentos registados no concelho de Vale de Cambra, devem-se a prospecções efectuadas no Verão de 1988, no âmbito de um trabalho escolar. <sup>(3)</sup>

### 2 - METODOLOGIA

Como ponto de partida para a inventariação e cartografia dos monumentos megalíticos, procedemos à recolha bibliográfica, ao estudo dos dados toponímicos da região, bem como à consulta de vários tipos de cartas (Geológicas, Geomorfológicas, Corográficas, de Uso e Ca-

\* Assistente da Universidade do Minho

\*\* Professora do Ensino Secundário

<sup>(1)</sup> Este trabalho foi realizado por Ana Bettencourt durante a licenciatura em História-Variante Arqueologia e entregue no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

<sup>(2)</sup> O projecto de «Carta Arqueológica do Concelho de Sever do Vouga» a realizar em vários anos está a ser inteiramente financiado pela Câmara Municipal deste concelho. Actualmente os trabalhos prosseguem sob a direcção das Dras. Maria José Bento e Maria José Miranda.

<sup>(3)</sup> Trabalho realizado por Teresa Rebelo no âmbito da Licenciatura em História-Variante Arqueologia e entregue no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

pacidade de Solos, etc.), o que nos permitiu obter um manancial de dados a utilizar na fase seguinte, a da prospecção no terreno.

Nesta fase, sempre que possível, percorremos as zonas com condições geomorfológicas propícias à implantação de monumentos megalíticos, apoiando-nos frequentemente em informações orais das populações locais.

Todos os monumentos identificados foram cartografados na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000, descritos de forma tão objectiva quanto as condições particulares de cada um o permitiram, e fotografados.

A sua descrição processou-se através do preenchimento de uma ficha previamente efectuada para tal, onde constam, por ordem de entrada, os seguintes elementos:

- Nome(s) do monumento, lugar, freguesia e concelho a qual pertencem, número e data da «C. M. P.», coordenadas quilométricas, altitude, descrição geomorfológica da área de implantação, ambiente ecológico, características gerais do monumento, intervenções arqueológicas, espólio e depósito do mesmo, referências bibliográficas.

O inventário propriamente dito foi dividido em duas partes; a primeira, regista por ordem alfabética todos os monumentos que observámos directamente; a segunda, inclui um conjunto de dados fornecidas quer pela bibliografia, quer por informações orais, e que por diversas razões não puderam ser confirmadas ou infirmadas.

No índice de monumentos por ordem alfabética, aqueles que são conhecidos por mais de um topónimo, entram por todos eles, aparecendo assim repetidos.

*Abreviaturas Utilizadas:*

Alt. ....	Altitude
Arest. ....	Arestal
Bor. ....	Borralhal
Cep. ....	Cepelos
C. M. P. ....	Carta Militar de Portugal
C. Arca ....	Campo de Arca
Cerc. ....	Cercal
Cerq. ....	Cerqueira
C. Esteves ....	Couto de Esteves
Cov. ....	Coval
Dorn. ....	Dornelas
Felg. ....	Felgueiras
Fol. ....	Folhense
Ir. ....	Irijó
Junq. ....	Junqueira
M. ....	Meridiano
M. Velha ....	Mouta Velha
P. ....	Paralelo
R. Vouga ....	Rocas do Vouga
S. Vouga ....	Sever do Vouga
S. Escura ....	Silva Escura
V. Cambra ....	Vale de Cambra

3 – MEIO FÍSICO (Est. I, 1)

A Serra do Arestal, que, administrativamente, percorre os concelhos do Sever do Vouga, Vale de Cambra e em menor escala o de Albergaria-a-Velha, é um maciço montanhoso orientado no sentido NE-SW, considerado contraforte da Serra da Arada.

Situada na margem direita do Vouga que a delimita a Sul, esta serra tem de extensão cerca de 20 Km e atinge a sua altitude máxima à cota de 869m acima do nível do mar. A Norte e Oeste, é delimitada pelo rio Caima e a Este, pelo rio Teixeira, importantes afluentes do Vouga. A Nordeste, é delimitada convencionalmente com a Serra da Arada, pela presença de uma falha de escarpa provável, orientada no sentido NW-SE.

Constituída, nas zonas mais elevadas, por grandes planaltos, a Serra do Arestal desce de forma relativamente suave a Este, formando várias plataformas onde irrompem pequenos cabeços. De forma geral, as vertentes Norte, Sul e Oeste são mais acentuadas, descendo de forma abrupta para o rio Vouga, Teixeira e Caima onde originam vales profundos e encaixados.

Segundo a «Carta Geológica de Portugal», na escala 1/50000, folha 3-D, Oliveira de Azemeis, de 1981, os planaltos superiores e a vertente Oeste da Serra são constituídos por xistos, grauvacoides e quartzitos cinzentos pertencentes ao complexo dos xistos das Beiras. São relativamente frequentes nestes planaltos, afloramentos graníticos de tendência alcalina, de grão fino e granodioritos gnássicos, de grão médio, bem como filões de quartzo e de quartzodioritos.

Na encosta Este, predominam os granitos de tendência alcalina com duas micas, de grão médio e grosseiro, algumas intrusões xistosas e a ocorrência de filões de quartzo.

Minerologicamente, o subsolo é rico em cobre, chumbo, estanho e volfrâmio.

A Serra do Arestal insere-se numa zona de Cambissolos húmicos associados a Luvisolos de forte influência atlântica (4), na sua maioria de classe F e de utilização não agrícola, com excepção de algumas áreas de encosta Este onde os solos são de classe C e de utilização agrícola condicionada (5).

O revestimento vegetal é composto essencialmente por florestas de pinheiros bravos e eucaliptos de introdução recente, com algumas manchas de castanheiros e carvalhos caducifólios que poderão representar resquícios da vegetação primitiva da zona.

Nos planaltos superiores e nas chãs de encosta, encontram-se algumas culturas cerealíferas com predominância para o milho e centeio. Nas zonas abrigadas da encosta, o milho combina com a cultura da vinha, da oliveira e da laranjeira.

A fauna é essencialmente constituída por animais domésticos com predomínio do gado bovino, seguido do ovino e caprino, tendo a criação de gado, constituído, até inícios do séc. XX, um recurso alimentar importante para as populações rurais da região.

O clima é temperado marítimo, progressivamente mais rigoroso nas zonas de maior altitude.

#### 4 – INVENTÁRIO (Est. I, 2; II-III)

##### 4.1. - Monumentos Cartografados

###### N.º 1 - *Mamoas das Águas*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554, 50; P. = 4517,15; Alt. = 758m

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal, onde ocorrem afloramentos graníticos.

Zona florestal e agrícola com predominância de pinheiros e milho respectivamente, embora a mamoa se encontre coberta por vegetação herbácea.

A Sudoeste existe uma nascente de água potável.

O monumento é bem visível na paisagem. Apresenta uma fossa evidente de violação na área da câmara onde não são perceptíveis esteios.

Tem vestígios de couraça lítica superficial e é elíptica; mede no sentido Norte-Sul, cerca de 25,30m e no sentido Este-Oeste, cerca de 22,30m.

Inédita (6).

###### N.º 2 - *Mamoas d'Alagôa/Alto do Biso* (7)

Rocas da Vouga; Rocas da Vouga; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 554,80; P. = 4515,20; Alt. = 830m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal, entre dois afloramentos graníticos mas em situação de destaque na paisagem.

(4) Segundo a «Carta dos solos de Portugal», na esc. 1/1000.000.

(5) Segundo a «Carta de Uso e Capacidade de solos», na esc. 1/1000.000.

(6) Poderá ser um dos monumentos indicados nos inéditos de Alberto Souto, que refere uma mamoa na Chã, a Norte do Arestal, citado em M. M. M. SILVA, 1986, p. 59.

(7) O segundo topónimo foi-nos indicado pelo Senhor Aristides Gonçalves da Graça, morador no lugar do Arestal.

Região florestal com predominância de pinheiros. A algumas centenas de metros, a Norte e a Noroeste, há alguns terrenos agrícolas. A cerca de 200m para Oeste existia uma pequena lagoa natural.

Monumento relativamente baixo, acusando uma depressão central na zona da câmara onde não se registam esteios.

Sobre o lado Oeste do *tumulus*, que apresenta vestígios de couraça lítica superficial, há um esteio deslocado, provavelmente oriundo da câmara.

É circular, mede de diâmetro aproximado cerca de 11m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40, cartografa o monumento, embora com uma pequena imprecisão.

N.º 3 - *Mamoia do Alto do Cruzeiro* (Est. VI, 1)

Arões; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 559,10; P. = 4517,50; Alt. = 550m

Sobre um pequeno talvegue da encosta Este da Serra do Arestal formando pela intersecção de dois cabeços existentes a Norte e a Sul. Zona granítica.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros.

O monumento é baixo, pouco visível na paisagem, apresentando uma fossa de violação na área da câmara onde ainda se podem observar quatro esteios *in situ*.

A câmara, tem uma planta poligonal e mede cerca de 70cm de diagonal. Deveria ter sido constituída por cinco esteios. O ortasto que parece o maior, volta-se a nascente e mede 70cm de largura, por 50cm de altura visível e 20cm de espessura máxima.

O *tumulus* é circular; tem de diâmetro aproximado 7,5m.

Inédita.

N.º 4 - *Mamoia do Arieiro ou Souto do Coval 3* (\*)

Coval; Couto de Esteves; Sever de Vouga

N.º 165 (1978); M. = 557,20; P. = 4515,10; Alt. = 664m

Numa pequena chã da encosta Este da Serra do Arestal.

Área granítica, sobranceira ao vale da Ribeira da Corga.

Paisagem arbustiva e herbácea.

Monumento de pequenas dimensões, parcialmente destruído a Norte e a Noroeste pelo caminho que lhe dá acesso.

A área central, violada, contém ainda três esteios, dois deles (?) *in situ*.

Sobre a mamoa, do lado Oeste, há outro esteio fora do seu contexto original.

O *tumulus*, com couraça lítica superficial, tem na periferia dos lados Este e Sul blocos pétreos de grandes dimensões que poderão corresponder a fragmentos de outros esteios semi-enterrados ou a qualquer estrutura periférica que aí tivesse existido. Pelo lado Noroeste e Norte passa-lhe um muro por cima.

Mede actualmente cerca de 8,80m no sentido Norte-Sul e 10m no sentido Este-Oeste.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

(\*) Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. O nome que lhe conferimos resulta do micro-topónimo pelo qual é conhecido o local onde o monumento se situa.

N.º 5 - *Mamoia do Cabeço de Fojo/Cemitério dos Mouros* (º)  
Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 557,80; P. = 4514,35; Alt. = 500m

Num pequeno esporão da encosta Este da Serra do Arestal, muito próximo de um afloramento granítico.

Paisagem florestal com pinheiros e eucaliptos que cobrem parcialmente a mamoa.

Monumento bem perceptível na paisagem, apresentando uma depressão central de violação na zona da câmara, onde ainda se conserva um esteio visível.

A área do *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial e é circular, medindo de diâmetro aproximado 10m.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografada o monumento mas não com suficiente precisão.

N.º 6 - *Mamoia ou Dolmen da Cerqueira I/Pedra Moura I* (1º) (Est. IV, 6; V, 1)  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,80; Alt. = 510m

Sobre um pequeno afloramento, numa zona periférica de uma grande chã da vertente Este da Serra do Arestal, em situação de destaque na paisagem e num local com abundantes afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com pinheiros, eucaliptos e algum milho. Nas imediações ocorrem lameiros.

Monumento constituído por uma câmara poligonal grande, composta por nove esteios e tampa, com cerca de 3,54m de largura por 3m de comprimento. O corredor, voltado a nascente, é longo e diferenciado da câmara em planta e alçado. Embora cortado pelo estradão que lhe dá acesso mede 4,40m de comprimento. A tampa da câmara, constituída por uma lage sensivelmente circular, mede cerca de 3,76m de largura por 3,26 de comprimento. Em alçado os esteios apresentam-se quase na vertical. A mamoa é do tipo «clássico», composta por uma couraça lítica superficial, por terras compactadas e por um anel lítico de contrafortagem em redor da câmara e do corredor.

Escavações de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, e A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

Escavações de A. BETTENCOURT em Julho/Agosto de 1988.

O espólio de ambas as escavações é composto essencialmente por material lítico proveniente da câmara e do corredor. Destacamos cinco pontas de seta de base triangular, uma ponta pedunculada, seis micrólitos (cinco trapezoidais e um crescente) quatro lâminas e fragmentos de outras, por vezes retocadas, um raspador, várias lascas, dois núcleos, um pequeno disco de xisto não decorado, um objecto (?) indeterminado, um elemento móvel e fixo de moinho manual, bem como um seixo rolado.

Os fragmentos de cerâmica pré-histórica, de cor alaranjada, são muito reduzidos, não possibilitando a reconstituição de formas concretas.

O depósito de parte deste material encontra-se na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11 e o restante, depositar-se-á, em breve, no Museu de Aveiro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 476-478, descreve sumariamente a escavação e o material exumado.

(º) É frequente a população da zona referir-se ao monumento do Cabeço do Fojo como local de Cemitério de Mouros.

(1º) Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. Optámos pelo uso do topónimo Cerqueira para nomear a necrópole, em virtude da mamoa I ser conhecida popularmente por «Dólmen de Cerqueira» e existirem várias placas de sinalização, com essa designação.

Sempre que nos foi possível fizemos corresponder a actual numeração dos monumentos com a anteriormente usada.

BETTENCOURT, 1989, p. 85-113, publica de forma sistemática os resultados da campanha de escavação de 1988, e estuda de novo os materiais da campanha de 1956.

N.º 7 - *Mamoia da Cerqueira 2/Pedra Moura 5* <sup>(10)</sup> (Est. IV, 5)  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,70; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoia da Cerqueira 1 e a 13,5m a Sul da Mamoia da Cerqueira 3)

Numa zona periférica de uma chã da vertente Este da Serra do Arestal, em situação de destaque na paisagem. Perto ocorrem afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento constituído por uma câmara sub-quadrangular, talvez de tipo cista, composta por quatro esteios e com 1,40m de comprimento por 1,25 de largura. Actualmente, conservam-se dois esteios *in situ*. A mamoia envolvente apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é ligeiramente elíptica. Mede, no sentido Norte-Sul, cerca de 16m e no sentido Este-Oeste, 18,50m.

Escavações de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

O espólio exumado, proveniente do interior da câmara, é composto por um micrólito trapezoidal simétrico, em sílex bege, de 3,4cm de comprimento máximo por 0,90cm de comprimento mínimo, 0,95cm de largura e 0,25cm de espessura <sup>(11)</sup>.

O depósito deste material encontra-se a Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 479-480, publica sumariamente os trabalhos de escavação.

N.º 8 - *Mamoia da Cerqueira 3/Pedra Moura 4* <sup>(10)</sup> (Est. IV, 2)  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,71; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoia da Cerqueira 1 e a 20m a Sul da Mamoia da Cerqueira 4)

Ver ficha n.º 7.

Ver ficha n.º 6.

Monumento de câmara trapezoidal, provavelmente fechada, com cerca de 1,75m de comprimento por 60cm de largura mínima. Não foi possível estabelecer a largura máxima da câmara devido à inexistência de alguns esteios, mas esta não devia exceder 1,50m.

A mamoia envolvente apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular, medindo de diâmetro aproximado 13m.

Escavação de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

Não há referência a qualquer tipo de espólio.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 479, publica sumariamente o resultado das escavações.

N.º 9 - *Mamoia da Cerqueira 4/Pedra Moura 3* <sup>(10)</sup>  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

<sup>(11)</sup> Estudo realizado por Ana Bettencourt.

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,73; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoa da Cerqueira 1 e a 20m a Sul da Mamoa da Cerqueira 5)

Na grande chã da vertente Este da Serra do Arestal, numa zona com profusão de afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento bem perceptível na paisagem, sem vestígios de esteios na zona da câmara. A mamoa envolvente apresenta restos de uma couraça lítica superficial e é circular medindo aproximadamente 15m de diâmetro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que diz ter explorado sem qualquer outra informação.

N.º 10 - Mamoa da Cerqueira 5/Pedra Moura 11 <sup>(10)</sup>  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga <sup>(12)</sup>

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,75; Alt. = 500m

(A 24m a Norte da Mamoa da Cerqueira 4)

Na grande chã da vertente Este da Serra do Arestal em local com abundantes afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento muito pouco perceptível na paisagem, com uma pequena depressão central e sem esteios visíveis.

Há vestígios de uma couraça lítica superficial. A mamoa é circular e mede de diâmetro cerca de 10m. Estaremos na presença de uma pequena cista do tipo da encontrada na Mamoa 1 da Fonte da Malga (Viseu) ou mesmo das registadas na necrópole de Parão (Tondela)? <sup>(13)</sup>.

A resposta a esta questão passa evidentemente por uma escavação sistemática do monumento.

CASTRO *at alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

N.º 11 - Mamoa da Cerqueira 6/Pedra Moura 9 <sup>(10)</sup>  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga <sup>(12)</sup>

N.º 165 (1978); M. = 558,35; P. = 4514,85; Alt. = 510m

(A cerca de 43m a Nor-Nordeste da Mamoa da Cerqueira 1)

Numa grande chã de vertente Este da Serra do Arestal, numa zona onde ocorrem afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento bem perceptível na paisagem. Na zona central há uma depressão sem esteios visíveis.

A mamoa apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular, embora mais compacta pelos lados Sul e Este. Mede 13m de diâmetro aproximado.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 cartografa o monumento.

<sup>(12)</sup> Segundo a C. M. P. na escala 1/25.000, este monumento encontra-se administrativamente situado em território do Concelho de Sever do Vouga, embora localmente se afirme que ele já pertence ao Concelho de Vale de Cambra.

<sup>(13)</sup> F. KALB, M. HÖCK, 1979 a), p. 596, 598-599 refere «Antes da escavação o monumento tinha uma aparência de uma Mamoa pouco elevada, coberta de pedras e com cerca de 6 metros de diâmetro...»; F. KALB; M. HÖCK, 1979 b), p. 46-52; J. COELHO, 1947, p. 99-114.

N.º 12 - *Mamoas da Cerqueira 7/Pedra Moura 10 (?)* (14)

Cercal; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,33; P. = 4514,87; Alt. = 510m  
(A cerca de 19m a Nor-Noroeste da Mamoas da Cerqueira 6)

Sobre um afloramento de uma grande chã da vertente Este da Serra do Arestal.

Ver ficha n.º 6.

Monumento muito baixo que seria pouco perceptível na paisagem se não estivesse construído sobre um afloramento.

Há uma pequena depressão central na zona que poderá corresponder à câmara. Na área envolvente, ocorrem vestígios de couraça lítica, confirmados pela limpeza superficial de uma pequena área. Poderá tratar-se de um monumento do mesmo tipo do da Mamoas da Cerqueira 5.

Parece medir 9m de diâmetro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.N.º 13 - *Mamoas da Cerqueira 8/Pedra Moura 10 (?)* (14)

Cercal; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,35; P. = 4514,87; Alt. = 510m  
(A cerca de 19m a Nor-Noroeste da Mamoas da Cerqueira 6)

Ver ficha n.º 12.

Ver ficha n.º 6.

Monumento pequeno e baixo com uma ligeira depressão central assinalando a área da câmara.

A existência de uma couraça lítica também foi confirmada por uma pequena limpeza superficial.

*Comentário sobre as Mamoas da Cerqueira 7 e 8:*

As couraças líticas dos dois monumentos parecem confundir-se em determinada zona, pelo que poderíamos estar em presença de uma estrutura complexa, cuja mamoa envolvesse mais do que uma sepultura.

O facto dos monumentos quase se confundirem com o afloramento sobre o qual se ergueram, dificulta uma observação mais objectiva, pelo que as hipóteses expressas se fazem com algumas reservas.

N.º 14 - *Mamoas da Cheirinha*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 551,85; P. = 4516,40; Alt. = 665m

No alto do Cabeço da Cheirinha, na encosta Oeste da Serra do Arestal, em posição dominante sobre a paisagem. Zona xistosa com introsões graníticas abundantes e filões de quartzo branco.

Paisagem florestal com predominância de eucaliptos. Perto, existem terrenos agricultados.

Monumento bem perceptível, apresentando uma grande fossa de violação na área da câmara, onde não se registam esteios.

(14) L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 474, faz referência apenas a um monumento neste local, que designa por Pedra da Moura 10. Como pensamos estar na presença de duas mamoas distintas ou de duas estruturas inseridas no mesmo *tumulus*, a correspondência com a necrópole descrita por aqueles autores torna-se difícil.

A mamoa tem vestígios de couraça lítica superficial, com profusão de blocos de quartzo branco. A sua forma é elíptica, medindo no sentido Norte-Sul cerca de 25m e no sentido Este-Oeste cerca de 20m.

Inédita <sup>(15)</sup>.

N.º 15 - *Mamoa do Cimo do Lameiro*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,25; P. = 4517,65; Alt. = 761m

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal onde irrompem afloramentos graníticos. Perto, ocorrem lameiros como o próprio topónimo indica.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, milho e cevada, respectivamente.

Monumento bem perceptível na paisagem, embora com sinais de violação na zona da câmara onde ainda se nota o topo de dois esteios, situados a Nor-Nordeste e a Nor-Noroeste.

O *tumulus*, de forma sensivelmente elíptica, apresenta vestígios evidentes de couraça lítica superficial. Mede no sentido Norte-Sul 22,5m e no sentido Este-Oeste 24m.

Inédita

N.º 16 - *Mamoa da Cruz/Lameiro Longo*

Folhense; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,60; P. = 4515,80; Alt. = 800m

Sobre um cabeço natural, numa zona periférica do planalto superior a Serra do Arsenal em posição de destaque na paisagem. Zona com abundantes afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiro. Perto ocorrem alguns lameiros.

Monumento com uma grande vala de violação na zona da câmara conservando ainda um esteio *in situ*. A violação estendeu-se ao lado Norte do *tumulus*, pelo que o imóvel se encontra bastante destruído.

A mamoa apresenta vestígios de couraça lítica superficial e parece ser sensivelmente circular. Mede de diâmetro aproximado 16m.

Explorações de A. SOUTO nos inícios do séc. XX <sup>(16)</sup>.

O espólio conhecido consta de um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular depositado no Museu de Aveiro <sup>(16)</sup>.

BETTENCOURT, - 1982, p. 40-41, cartografa o monumento e descreve o espólio encontrado.

N.º 17 - *Mamoa da Espinheirinha*

Borralhal; Rocas de Vouga; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 454,40; P. = 4514,65; Alt. = 830m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal, que aqui toma a designação particular de Alto dos Salgueiros. Nas proximidades, ocorrem afloramentos graníticos.

<sup>(15)</sup> Poderá tratar-se do monumento referido nos inéditos de Alberto Souto como mamoa da Senhora da Saúde, citado por M. M. M. SILVA, 1986, p. 72, embora ele se situe a várias centenas de metros deste santuário.

<sup>(16)</sup> A. M. S. BETTENCOURT, 1982, p. 40, regista, «...um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular, com 14cm de comprimento, 4cm de largura máxima e 3,5cm de espessura...».

Paisagem florestal e herbácea. A cerca de 100m, para Sudeste há um lameiro.

Monumento relativamente baixo, destacando-se pouco na paisagem. Na zona central existe uma fossa de violação sem esteios visíveis. Sobre o *tumulus*, do lado Este, há fragmentos de esteios fora do seu contexto original. A mamoa tem vestígios de couraça lítica superficial com profusão de blocos de quartzo branco e apresenta-se mais compactada a nascente. É circular, mede de diâmetro aproximado 11m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40-41, cartografa o monumento.

N.º 18 - *Mamoa do Lameiro* (Est. VI, 3)

Junqueira; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 555,20; P. = 4516,85; Alt. = 790m

Paisagem florestal com abundância de pinheiros. Junto do monumento existe uma nascente.

Monumento de câmara poligonal fechada, conservando ainda seis esteios *in situ*. Mede de diagonal entre 80cm e 1m de comprimento.

O *tumulus*, pouco visível na paisagem, apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular. Mede de diâmetro aproximado 12m.

Inédita.

N.º 19 - *Mamoa do Lameiro de Ouguedelo/Aguedelo/Coval, Mouraceira* <sup>(17)</sup> ou *casa da Moura* <sup>(18)</sup> (Est. IV, 1; V, 2).

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 557,10; P. = 4515,40; Alt. = 720m

Na periferia de uma chã da vertente Este da Serra do Arestal. Zona granítica com ocorrência de afloramentos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros embora o revestimento que cobre o monumento seja composto essencialmente por vegetação arbustiva e herbácea. Perto existe um lameiro como o próprio topónimo indica.

Monumento bem perceptível na paisagem, constituído por uma câmara poligonal grande e um corredor longo e diferenciado em planta e alçado, voltado a Nordeste.

A câmara, onde actualmente se registam seis esteios, era composta por nove, à semelhança da Mamoa da Cerqueira 1 e mede cerca de 2,70m de largura por 3,10m de comprimento. O corredor, originalmente com cinco esteios de cada lado, tem aproximadamente 4,20m de comprimento. A tampa da câmara, hoje totalmente desaparecida, era composta por um enorme monólito de granito que, de acordo com a planta de A. Girão, media de comprimento 4,10m por 3,10m de largura.

O *tumulus*, revestido por uma poderosa couraça lítica, está muito bem preservado, não parecendo ter sofrido o fenómeno de compactação frequente nestas estruturas. Encontra-se ainda ao nível do topo dos esteios. A sua forma é elíptica medindo no sentido Norte-Sul 27,5m por 30m no sentido oposto.

Escavações de A. A. GIRÃO nos inícios do séc. XX.

O espólio então encontrado pelo autor mostrou-se irrevelante: «Rebuscando e entulho do monumento até à rocha viva [...] nada se encontrou digno de nota, apenas alguns pedaços de carvão, um cristal de quartzo e dois fragmentos de uma faca de sílex que parecem ter sido abandonados por inúteis» <sup>(19)</sup>.

<sup>(17)</sup> Designação popular, usada no lugar de Agros.

<sup>(18)</sup> Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. Optámos por manter a designação de «Lameiro do Ouguedelo» por ser este o topónimo do local onde o monumento se encontra.

<sup>(19)</sup> A. A. GIRÃO, 1921, p. 63.

Pela observação atenta dos desenhos deixados por GIRÃO, 1921, (Est. VII, 7) verificámos que o fragmento de lâmina tem 3,4cm de comprimento, por 1,4cm de largura que o segundo fragmento citado no texto, parece mais um micróbio trapezoidal, ligeiramente assimétrico, com 2,8cm de comprimento máximo por 0,6cm de comprimento mínimo e 1,4cm de largura.

GIRÃO, 1921, p. 64a), p. 66-68 e Est. 1 descreve o monumento e o resultado das explorações nele praticadas.

GIRÃO, 1922, p. 106, 108, mostra plantas.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

N.º 20 - *Mamoas da Lomba 1*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 551,30; P. = 4516,65; Alt. = 646m

No tabuleiro superior de um cabeço da encosta Oeste da Serra do Arestal. Região xistosa mas com intrusões graníticas.

Paisagem florestal com eucaliptos. Perto irrompe uma nascente.

Monumento bem perceptível na paisagem, com uma vala de violação na área da câmara, onde não são visíveis esteios.

O *tumulus*, apresenta vestígios de couraça lítica superficial com profusão de quartzo branco e é mais baixo do lado Este.

A sua forma, sensivelmente circular, tem de diâmetro aproximado 18m.

Inédita <sup>(20)</sup>.

N.º 21 - *Mamoas da Lomba 2*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); A. = 551,20; P. = 4516,15; Alt. = 640m

(A cerca de 500m a Sul da Mamoas da Lomba 1)

Em posição periférica no tabuleiro superior de um cabeço da encosta Oeste da Serra do Arestal. Zona xistosa mas onde irrompem afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com profusão de pinheiros e eucaliptos.

Monumento alto mas bastante destruído por um muro de divisória de concelhos. Na zona da câmara não são visíveis esteios.

O *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial com profusão de quartzo branco e é elíptico. Mede no sentido Norte-Sul, 15,10m e no sentido Este-Oeste, 17m.

Inédita <sup>(20)</sup>.

N.º 22 - *Mamoas das Novas*

Novas; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,70; P. = 4515,60; Alt. = 522m

---

<sup>(20)</sup> Poderá tratar-se de uma das mamoas do Janardo referidas nos inéditos de Alberto Souto, citadas por M. M. M. SILVA, 1986, p. 59.

Numa grande chã da encosta Este da Serra do Arestal, a mesma onde está inserida a necrópole da Cerqueira, embora numa situação interior. Zona granítica.

No seio de um povoado rural onde se pratica uma agricultura baseada no milho. O imóvel está coberto por uma grande camada de palha e foi-lhe construído uma meda por cima.

Monumento quase totalmente destruído devido à construção de uma eira que lhe afectou o lado Oeste. No corte artificial, provocado pela construção da eira, podem observar-se ainda alguns vestígios da couraça lítica superficial. Apesar da inúmera vegetação dificultar a observação da estrutura, parece-nos existir ainda um esteio. Segundo informações orais da população local, a «pedra principal», talvez a tampa ou eventual esteio de cabeceira, foi levada para a construção de uma lareira. Segundo as mesmas fontes, nos anos cinquenta, o monumento ainda conservava, se não na totalidade, parte da câmara megalítica.

N.º 23 - *Mamoã da Preirada/Outeiro Castêlo*

Folhense; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,20; P. = 4515,90; Alt. = 820m

No planalto superior da Serra do Arestal numa área com profusão de afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros e vegetação arbustiva. Muito perto ocorrem duas nascentes.

Monumento bem visível na paisagem, apresentando na zona da câmara uma pequena vala de violação, onde ainda existe, do lado Sul, o topo de um esteio que parece estar *in situ*, bem como um fragmento de outro esteio ou de tampa que se encontra caído. Do lado Sul da mamoa, existe outro esteio *in situ*, (?), menos espesso do que o da câmara e partido parcialmente num dos cantos. Será um esteio de câmara deslocado ou tratar-se-à de um esteio de corredor?

Salientamos que a mamoa se apresenta mais compactada deste lado, embora seja circular. Mede de diâmetro aproximado 18,5m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40, cartografa o monumento.

N.º 24 - *Mamoã da Presa Grande 1*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,20; P. = 4517,75; Alt. = 753m

(A 15m a Oeste da Mamoa da Presa Grande 2)

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal, onde ocorrem afloramento graníticos.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, e eucaliptos e de milho e cevada respectivamente. Como o topónimo indica existe, a cerca de 50m, uma presa de água.

A grande altura do imóvel confere-lhe uma posição de destaque na paisagem e por conseguinte monumentalidade. A zona da câmara, apresenta pelo lado Sudeste, uma grande vala de violação sem esteios visíveis.

Há vestígios de couraça lítica superficial e a mamoa é sensivelmente circular. Mede 25m no sentido Norte-Sul e 25,8m no sentido oposto <sup>(21)</sup>.

Inédita.

<sup>(21)</sup> Provavelmente tratar-se-ia de um monumento de câmara poligonal fechada e de grandes dimensões, pois o Senhor Martinho Tavares de Almeida refere-se a uma «casota fechada onde cabia mais do que um homem deitado».

N.º 25 - *Mamoá da Presa Grande 2*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,22; P. = 4517,75; Alt. = 753m

(A 15m a Nordeste da Mamoá da Presa Grande 1)

Ver ficha n.º 25.

Ver ficha n.º 25

Monumento bem perceptível na paisagem, com vala de violação central e sem esteios visíveis. O *tumulus* apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é sensivelmente circular. Mede de diâmetro aproximado 15m.

Inédita.

N.º 26 - *Mamoá da Sobreirinha*

Agros; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 556,85; P. = 4515,55; Alt. = 753m

Situada sobre um pequeno cabeço em posição de destaque na paisagem, numa chã a Este da Serra do Arestal. Área granítica com ocorrência de afloramentos.

Zona florestal com pinheiros embora o monumento se encontre coberto por espessa camada de vegetação herbácea.

O monumento é bem visível na paisagem, possivelmente devido ao facto de ter sido construído sobre uma elevação natural. Apresenta na zona da câmara uma grande vala de violação mas parece ter ainda um esteio *in situ*. A intensa vegetação que cobre o imóvel torna difícil uma observação mais minuciosa.

A forma do seu *tumulus* é elíptica, medindo no sentido Norte-Sul cerca de 21m por 27m no sentido oposto.

Tratar-se-á de um dolmen de corredor virado a nascente? É possível.

Inédita.

N.º 27 - *Mamoá do Souto do Coval 1* (Est. IV, 3; V, 3)

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,05; P. = 4515,25; Alt. = 575m

(A 13,60m a Sul da Mamoá do Souto do Coval 2)

Numa chã da encosta Este da Serra do Arestal. Zona granítica com afloramentos.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, milho e cevada respectivamente, embora o imóvel se encontre coberto por vegetação herbácea.

Monumento facilmente perceptível na paisagem embora não muito alto. Na zona central há uma depressão resultante de escavações realizadas em 1956, onde se nota uma câmara poligonal alongada, talvez de tipo cista (?), com 1m de largura por 1,75m de comprimento, composta actualmente por seis esteios <sup>(22)</sup>.

Há vestígios de couraça lítica superficial num *tumulus* que mede no sentido Norte-Sul cerca de 15m por 17,5m no sentido Este-Oeste.

Escavações de L. A. CASTRO, O .V. FERREIRA, A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

<sup>(22)</sup> L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 481, desenha uma planta com nove esteios, mas segundo as dimensões que refere há três deles que se distinguem, por serem mais pequenos e menos espessos, do que os seis existentes.

Do espólio exumado há referência a um pequeno fragmento de cerâmica manual, lisa, de cor avermelhada, depositado na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11 <sup>(23)</sup>.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 e 480-481 cartografa e publica sumariamente o resultado das escavações.

BETTENCOURT, 1989, p. 112 nota 21, descreve o espólio do monumento.

N.º 28 - *Mamoá do Souto do Coval 2*

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,05; P. = 4515,26; Alt. = 575m  
(A 13,60m para Norte da Mamoá do Souto do Coval 1)

Ver ficha n.º 27

Ver ficha n.º 27

Monumento razoavelmente perceptível na paisagem com vala de violação na área da câmara onde não são visíveis esteios. O *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial e é sensivelmente circular. Mede 11m no sentido Norte-Sul e 10m no sentido este-Oeste.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que diz ter reconhecido. Na p. 481, refere ter escavado o imóvel que não forneceu qualquer tipo de espólio.

N.º 29 - *Mamoá da Terranha / Mamua ou Mama Tarranha*

Arestal; Silva escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 553,90; P. = 4515,80; Alt. = 822m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal onde ocorrem afloramentos graníticos. Paisagem florestal e agrícola, com predominância de pinheiros e milho respectivamente, embora o monumento se encontre fundamentalmente revestido por vegetação herbácea e arbustiva. Há uma nascente a cerca de 300m.

Monumento bastante alto distinguindo-se bem na paisagem. Apresenta uma enorme vala de «exploração» na zona da câmara onde não são visíveis esteios.

No *tumulus*, há vestígios evidentes de couraça lítica superficial e a sua forma é sensivelmente circular. Mede 18,70m no sentido Norte-Sul e 19m no sentido oposto.

De referir que o monumento se encontra menos compacto pelo lado Este.

Explorações de A. SOUTO nos inícios do séc. XX <sup>(24)</sup>.

O espólio então exumado constou de um vaso tronco-cónico com decoração mamilar sobre o bordo, duas lâminas de sílex <sup>(25)</sup> e dois machados de pedra polida <sup>(24)</sup>. Este material está parcialmente depositado no Museu de Aveiro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 15, refere em nota, parte do espólio do monumento. Na Est. 1, mostra uma fotografia desses artefactos.

BETTENCOURT, 1982, p. 40-43, publica o espólio encontrado no Museu de Aveiro.

<sup>(23)</sup> A. M. S. BETTENCOURT, 1989, refere na nota n.º21, p. 112 «... um fragmento de vaso manual, de pasta grosseira com desengordurantes de quartzo de médio e pequeno calibre. É alisado no interior e exterior. A cor é avermelhada com manchas mais escuras. Mede de espessura 0,75cm».

<sup>(24)</sup> Informação do senhor Aristides Gonçalves da Graça, residente no lugar do Arestal. Segundo a mesma fonte, Alberto Souto teria desmantelado a câmara megalítica e levado os esteios para Aveiro com o objectivo de montar, naquela cidade, um monumento deste tipo.

Efectivamente, nos jardins dependentes do Museu de Aveiro, existem alguns esteios de proveniência desconhecida e que parecem ser lajes de um monumento megalítico.

N.º 30 - *Mamoá do Vale Mau* (Est. VI, 2)  
Mouta Velha; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,50; P. = 4519,30; Alt. = 802m

No tabuleiro superior de um promontório montanhoso que contraforta com o Arestal pelo lado Este. A área aplanada em questão é um elevado talvegue resultante de dois grandes afloramentos graníticos que lhe ficam a Norte e a Sul. A Oeste e a Este as encostas decem de forma relativamente abrupta, dominando de ambos os lados uma paisagem imponente.

Paisagem florestal na encosta Oeste, com predomínio de pinheiros; vegetação herbácea e arbustiva na encosta Este e no talvegue.

Monumento muito baixo, quase imperceptível na paisagem.

Na zona central há uma pequena depressão que poderá resultar de violações de uma câmara não megalítica.

O *tumulus* encontra-se muito desorganizado, principalmente do lado Sudeste. A ideia geral é de uma mistura caótica de terra e de alguns blocos graníticos, pelo que não utilizaremos aqui o termo de couraça superficial.

É sensivelmente circular; mede de diâmetro, cerca de 7,5m.

Inédita.

#### 4.2. - *Informações Diversas:*

N.º 31 - *Mamoá do Cabeço de S. Tiago / Cerqueira*  
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 558,60; P. = 4514,35; Alt. = 503m

No tabuleiro superior de um pequeno cabeço na encosta Este da Serra do Arestal. Área granítica com filões de quartzo.

Paisagem florestal e agrícola com pinheiros, eucaliptos e milho respectivamente.

Tratava-se de um monumento de câmara pequena, provavelmente fechada, (dólmen ?, cista ?), com mamoa envolvente <sup>(26)</sup>.

Foi totalmente destruída quando da construção da Capela de S. Tiago nos anos sessenta.

Escavações de L. A. CASTRO; O. V. FERREIRA; A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento e diz tê-lo explorado sem qualquer outra indicação.

N.º 32 - *Mamoá da Costa d'Arca*  
Campo d'Arca; Arões; Vale de Cambra

N.º 164 (1978); Alt. entre 500 e 600m.

Segundo informações orais do Senhor Agostinho Rodrigues de Almeida morador no local, teria existido uma «Arca» no sítio denominado Costa d'Arca.

Este monumento, destruído há longos anos, nunca foi observado pela testemunha, que sabia da sua existência por ouvir referências aos seus antepassados.

A prospeção realizada pelas signatárias resultou infrutífera.

<sup>(25)</sup> Citado e, L. A. CASTRO *et alii*, 1957, Est. 1 e nota da p. 481.

<sup>(26)</sup> Esta descrição é baseada nas informações orais da Senhora Emília Tavares, moradora na Cerqueira, que se lembra da existência de um montinho de pedras tendo no meio umas lajes onde só cabia «um homem todo encolhido».

N.º 33 - *Mamoá da Fonte Cebola*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,5; P. = 4517,80; Alt. = 770m

Numa pequena chã de um cabeço da encosta Nordeste da Serra do Arestal. Zona granítica.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros. No local ocorre uma nascente.

Monumento totalmente destruído pelas obras de acesso à nascente referida na alínea anterior <sup>(27)</sup>.

Inédita <sup>(27)</sup>.

N.º 34 - *Mamoá de Irijó*

Irijó; Cepelos; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); Alt. entre 500m e 600m.

O monumento, do qual não possuímos qualquer descrição, parece ter sido destruído pela construção da estrada n.º 227, que liga Irijó a Cepelos.

Como espólio teriam aparecido vários vasos cerâmicos.

ALBERGARIA, 1972, p. 3.

N.º 35 - *Mamoá de Merlães*

Merlães; Cepelos; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); Alt. entre 500m e 600m.

Segundo informação oral do Senhor Martinho Tavares de Almeida, morado no lugar da Chã, existem várias «mamoas» no lugar de Merlães.

Não nos foi possível confirmar esta informação.

N.º 36 - *Mamoá da Pedra Moura 2*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,75; Alt. = 500m  
(A cerca de 170m a este da Mamoá da Cerqueira 1)

Ver ficha n.º 9

Ver ficha n.º 6.

Totalmente destruída, possivelmente devido à construção do estradão que liga os lugares da Cerqueira, Cercal e Mouta.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 cartografa o monumento e refere a sua destruição.

N.º 37 - *Mamoá da Pedra Moura 6* (Est. IV, 4)

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,85; Alt. = 510m  
(A cerca de 60m a Oeste da Mamoá da Cerqueira 1)

<sup>(27)</sup> Poderá tratar-se de uma das mamoas referidas nos inéditos de Albergo Souto, citadas por M. M. M. SILVA, 1986, p. 65. A existência deste monumento comprova-se também pelas informações orais do Senhor Martinho Tavares de Almeida, morador no lugar da Chã.

Numa zona periférica de uma grande chã de vertente Este da Serra do Arestal onde ocorrem afloramentos graníticos.

Actualmente a paisagem é agrícola com predominância do milho.

Tratava-se do monumento mais alto e de maior diâmetro da necrópole da Cerqueira ou Pedra Moura. A câmara, possivelmente sub-quadrangular, revelou apenas dois esteios quando escavada. Media no sentido Este-Oeste cerca de 1,40m, pelo que as signatárias pensam poder tratar-se de uma cista. Segundo os arqueólogos que a exploraram, o fundo da câmara encontrava-se «escavado à maneira de concha e revestido ou calcetado, de delgadas lages de gneiss...».

Foi totalmente destruída devido aos arroteamentos agrícolas.

Escavações de L. A. CASTRO; O. V. FERREIRA; A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

O espólio, proveniente da zona da câmara, é composto por um machado votivo, em quartzito(?) de grão fino, com secção sub-rectangular, de 4,20cm de comprimento, 2,15cm de largura e 1,8cm de espessura; um micrólito em forma de crescente irregular, em sílex bege, opaco, perfil ligeiramente curvilíneo, com 2,3cm de comprimento, 1,4cm de largura, e 0,25cm de espessura e por fragmentos de cerâmica de pasta cinzenta, dura, feitas a torno e resultantes de violações (11).

O depósito deste material encontra-se na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografam o monumento que dizem ter encontrado totalmente destruído. Paradoxalmente, na p. 480, refere a escavação na Pedra Moura 6 e os resultados nela obtidos, pelo que nos fica a dúvida sobre qual o monumento intervencionado, (ver ficha n.º 38).

N.º 38 - *Mamoá da Pedra Moura 7*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,86; Alt. = 510m

(A poucos metros a Norte da Pedra Moura 6)

Ver ficha n.º 37.

Ver ficha n.º 37.

Totalmente destruída.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que refere ter explorado (ver ficha n.º 37).

N.º 39 - *Mamoá da Pedra Moura 8*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,87; Alt. = 510m

(A poucos metros a Norte das Pedras Mouras 6 e 7)

Ver ficha n.º 37.

Ver ficha n.º 37.

Totalmente destruída.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza do trabalho realizado, essencialmente de cartografia, inventariação e descrição dos monumentos sepulcrais, torna difícil ilações de ordem geral e reduz as tendências observadas ao nível da distribuição espacial dos monumentos, tipologia, cultura material e eventual cronologia, a meras hipóteses de trabalho que só projectos sistemáticos englobando escavações poderão confirmar ou infirmar.

De uma forma global, a *Serra do Arestal* pode ser considerada como um *enorme espaço sepulcral*, à semelhança de outros maciços montanhosos do Centro-Norte, Norte de Portugal <sup>(28)</sup> e Galiza <sup>(29)</sup>.

O número de monumentos registados, ascende já às várias dezenas, estando cartografados e descritos trinta, sem entrarmos em linha de conta com aqueles que foram destruídos mas cuja localização e existência ainda está presente na memória das populações locais e/ou nos registos bibliográficos mais antigos <sup>(30)</sup>.

*Dispersão dos Monumentos na Paisagem (Est. II-III):*

Uma análise particularizada, mostra que a distribuição do conjunto megalítico na Serra do Arestal se assume de forma distintas:

- Existem verdadeiras *necrópoles* num sentido restrito, entendendo-se o termo necrópole como uma grande concentração de monumentos sepulcrais numa área de poucos hectares (Necrópole da Cerqueira que registava em 1957 doze monumentos).

- Existem pequenos *núcleos* de dois ou três monumentos, entendendo-se como núcleo um grupo de imóveis que não se distanciam mais de 150m uns em relação aos outros (Mamoas do Souto do Coval 1 e 2, Mamoas da Presa Grande 1, 2 e Mamoas do Cimo do Lameiro).

- Existem monumentos relativamente *isolados* na paisagem (Mamoas da Alagôa, Arieiro, Cabeço do Fojo, Cabeço de S. Tiago, Cruz, Espinheirinha, Preirada, Vale Mau, etc.).

*Tipologia dos Monumentos (Est. IV-VI):*

Tentar uma tipologia arquitectónica dos monumentos megalíticos no estado actual dos nossos conhecimentos não é uma tarefa fácil; o número de plantas publicadas é escasso, a maioria dos monumentos inéditos, que contêm esteios, estão mal conservados e a inexistência de escavações nos espaços envolventes das câmaras, não permite estabelecer uma articulação entre *tumulus/câmara*.

De uma forma muito genérica e tendo sempre presente as limitações apontadas, distinguimos:

1 - Monumentos de *câmara poligonal grande, com corredor longo* diferenciado em planta e alçado. Os *tumuli* envolventes conferem aos imóveis grande monumentalidade na paisagem (Mamoas da Cerqueira 1 e Mamoas do Lameiro de Ouguedelo). No primeiro caso, existem dados concretos sobre a mamoa, que se estrutura, da superfície para o solo, pela presença de uma couraça lítica superficial, por terras compactadas e por um contraforte em redor da câmara e corredor. Ambos os monumentos citados, apresentam esteios colocados praticamente na vertical.

2 - Monumentos de *câmara poligonal pequena*, inseridos em mamoa razoavelmente, ou pouco, perceptíveis na paisagem, cujas dimensões variam entre os 7m e os 15/17m de diâmetro (Mamoas do Alto do Cruzeiro, Mamoas do Lameiro e Mamoas do Souto do Coval 1).

3 - Monumentos de *câmara sub-quadrangular* com mamoa de dimensões bem perceptíveis na paisagem (Mamoas da Cerqueira 2, e Pedra Moura 6 ou 7).

4 - Monumentos de *câmara trapezoidal fechada*, de pequenas dimensões, mas com mamoa envolvente bem perceptível (Mamoas da Cerqueira 3).

<sup>(28)</sup> Veja-se sobre o assunto a síntese realizada por D. J. CRUZ, 1988, p. 17-18.

<sup>(29)</sup> F. CRIADO BOADO *et alii*, 1989, p. 48-49.

<sup>(30)</sup> A recolha destas informações, associada aos dados toponímicos e aos resultados da nossa própria prospecção, constituem um auxiliar precioso na reconstituição do megalismo local.

5 - Monumentos *muito pouco perceptíveis na paisagem*, cujas câmaras, não deverão ser do tipo megalítico. A mamoa envolvente é circular medindo entre os 7,5 e os 10m (Mamoas da Cerqueira 5, 7 e 8 e Mamoa do Vale Mau).

Os dados apresentados demonstram um *polimorfismo acentuado nas soluções arquitetónicas* adoptadas pelas populações que tumularam na Serra do Arestal. A sincronia ou diacronia desse polimorfismo não é possível estabelecer no estado actual da investigação.

#### *Distribuição Espacial dos Monumentos (Est. II-III):*

Segundo os princípios da *lógica da visibilidade* ou *monumentalidade* estabelecidos para a Galiza <sup>(31)</sup>, registámos, na região, dois grupos distintos de organização espacial dos monumentos na paisagem; *no primeiro, inserimos os túmulos construídos em posição dominante e no segundo, os que se situam, em zonas sem preocupação de visibilidade no horizonte, tornando-se quase imperceptíveis.*

No primeiro grupo incluímos duas situações distintas:

1 - Monumentos situados nos *tabuleiros superiores de esporões ou cabeços*, onde dois tipos de situações são possíveis de discernir: o dos *túmulos isolados* de dimensões razoáveis, que por qualquer significado mágico-simbólico ou ritual, parecem estar «associados» a outros túmulos que avistam (Mamoa do Arieiro, Cabeço do Fojo, Cabeço de S. Tiago, Cheirinha, Lameiro da Cruz, Lomba 1 e Lomba 2) e o dos monumentos que, *inseridos numa necrópole* se constroem sobre pequenos afloramentos, (Mamoa da Cerqueira 1, 7 e 8), os dois últimos, de dimensões tão reduzidas, que a sua perceptibilidade na paisagem seria difícil se não estivessem construídos sobre os referidos afloramentos.

2 - Monumentos situados nas *zonas periféricas de chãs* (Mamoas da Alagôa, Arieiro, Cerqueira 1 e 2, Lomba 2, Terranha), cujas dimensões são mais ou menos bem perceptíveis na paisagem.

No segundo grupo destacamos:

1 - Monumentos em *áreas baixas ou pequenas depressões topográficas* sem grandes condições de visibilidade (Mamoa do Alto do Cruzeiro que ao contrário do que o nome indica fica no sopé do cabeço que tem esse nome, Mamoa da Cerqueira 5). Todos eles são monumentos de pequenas dimensões, quer em diâmetro quer em altura.

A ideia de distribuir os monumentos em grupos e sub-grupos, segundo os critérios aqui expressos, pode ser útil como metodologia de trabalho, sobretudo para definir tendências, mas estes não devem ser encarados como unidades estanques. A realidade é por vezes muito complexa e há túmulos que se enquadram em mais do que uma situação sem que possamos privilegiar uma ou outra. A Mamoa da Cerqueira 1 e a da Cruz, são disso exemplo, pois apesar de situadas nos limites das chãs, foram também construídas sobre elevações naturais.

#### *Distribuição Altimétrica dos Monumentos Megalíticos:*

Quadro da distribuição altimétrica dos monumentos megalíticos num total de 36 efectivos:	
Curva de nível de:	Porcentagem:
500m .....	50%
600m .....	11%
700m .....	22%
800m .....	17%
	-----
	100%

<sup>(31)</sup> F. CRIADO BOADO, 1984/85, p. 11-17; F. CRIADO BOADO *et alii*, 1989, p. 49-52; R. FÁBREGAS VALCARCE, 1988, p. 58-59.

Perante o quadro apresentado verificamos de imediato a grande concentração de monumentos na curva de nível de 500m e a sua diminuição de intensidade nos planaltos superiores, embora de forma não gradual.

É também entre os 500m e os 600m que em termos de dispersão dos monumentos na paisagem, existe uma maior diversidade (monumentos relativamente isolados, verdadeiras necrópoles) bem como um grande polimorfismo das formas arquitectónicas (monumentos de câmara poligonal e corredor diferenciado em planta e alçado, monumentos de câmara poligonal pequena, monumentos de câmara sub-quadrangular e trapezoidal, monumentos pouco perceptíveis na paisagem) resultando provavelmente do que Vítor Oliveira Jorge chama de «processo de necropolização» e que na Serra da Aboboreira ocorre nos planaltos superiores.

Acima da curva de nível dos 800m, i. é., nos planaltos superiores da Serra do Arestal, os monumentos encontram-se sempre em posição de relativo isolamento, sem que tenhamos dados sobre a sua morfologia.

É na curva de nível do 700m que existe, de novo, um número significativo de monumentos, quer isolados quer agrupados.

Ao relacionarmos estes dados com a topografia e a capacidade do uso dos solos, verificamos que a maior concentração de monumentos (500m-700m) se regista em grande chãs, actualmente com maior vocação agrícola, enquanto no planalto superior, onde os monumentos estão sempre isolados, os solos são de Classes F com vocação não agrícola.

#### *Cultura Material (Est. VII-VIII):*

O espólio conhecido, porque escasso e na maioria das vezes sem contexto arqueológico muito preciso, impede necessariamente conclusões de ordem cultural e de cronologia relativa.

Globalmente podemos estabelecer três categorias de objectos exumados: espólio lítico lascado, não lascado e cerâmico, todo ele proveniente do interior de câmaras e corredores. No primeiro grupo inserimos os micrólitos geométricos (na sua maioria trapezoidais), as lâminas (por vezes retocadas), as lamelas, as pontas de seta (de base triangular ou pedunculadas) bem como algumas lascas e núcleos. A matéria prima mais utilizada é o sílex, seguida do quartzo.

O espólio lítico não lascado compreende machados de pedra polida de secção sub-retangular e quadrangular, seixos, elementos móveis e fixos de moinhos manuais, uma pequena placa de xisto circular sem qualquer incisão e cristais de quartzo que por serem frequentes, quer na Galiza <sup>(32)</sup> quer em Portugal, poderão ter eventualmente um valor mágico-ritual.

O terceiro grupo, mais difícil de caracterizar dado a escassez e as reduzidas dimensões da maioria dos fragmentos cerâmicos encontrados, apenas permite verificar a existência de pastas variadas, finas e grosseiras, que vão do laranja ao castanho-avermelhado, de fragmentos lisos e de um vaso tronco-cónico com decoração mamilar sobre o bordo que poderá corresponder a um momento tardio dentro do megalitismo <sup>(33)</sup>.

#### *Cronologia:*

A falta de escavações sistemáticas e a inexistência de datações fornecida pelo C14 torna qualquer tentativa de periodização hipotética, pelo que não pretendemos mais do que contribuir com alguns dados que possam facilitar a sua realização posterior.

As hipóteses formuladas basearam-se fundamentalmente em comparações morfológicas com outros monumentos, já datados, do Noroeste Peninsular, em particular as zonas da Beira-Alta e da Serra da Aboboreira onde existe o maior número de datações de C14 para este tipo de monumentos.

No conjunto megalítico da Aboboreira, as mamoas mais antigas parecem remontar aos meados do IV.º milénio a. C., com a construção de pequenos dólmenes poligonais sem corredor, relativamente isolados ou inseridos em núcleos <sup>(34)</sup>.

<sup>(32)</sup> R. FABREGAS VALCARE, 1988, p. 64.

<sup>(33)</sup> Sobre o assunto veja-se a síntese elaborada por S. O. JORGE, 1986, vol. 1B, p. 869-876 e A. M. S. BETTENCOURT, 1988, p. 101-104.

<sup>(34)</sup> V. O. JORGE, 1989, p. 395-399.

Poderão alguns dos monumentos, com *pequenas câmaras poligonais sem corredor e com tumulus envolvente*, corresponder à *fase inicial* do megalitismo da Serra do Arestal e ao mesmo momento cronológico dos monumentos «aparentemente» semelhantes da Serra da Aboboreira?

Aos finais do IV.<sup>o</sup> milénio a. C., primeira metade do III a. C. pensamos poder incluir a Mamoa da Cerqueira 1 (*monumento de câmara poligonal, de grandes dimensões, e corredor longo diferenciado em planta e alçado com tumulus organizado por couraça lítica superficial, terras compactadas e contraforte*) escavada por uma de nós <sup>(35)</sup>, bem como a do Lameiro do Ouguedelo morfologicamente comparável à Cerqueira 1. Esta hipótese é baseada em comparações com os grandes dólmenes de corredor da Beira-Alta, datados pelo C14 <sup>(36)</sup>, bem como com o dólmen de Chã Parada 1, único monumento de corredor conhecido na Serra da Aboboreira <sup>(37)</sup>.

Poderão as Mamoas n.º 5, 7 e 8 da Cerqueira, bem como a Mamoa do Vale Mau, *muito pouco perceptíveis na paisagem, com diâmetros muito reduzidos e que dificilmente conterão uma câmara, de tipo megalítico*, corresponder ao último monumento das tumulações, com mamoa envolvente, na Serra Arestal?

Sem querermos ser abusivos nas nossas comparações e utilizando-as apenas como método de trabalho, fazemos notar que na Serra da Aboboreira, a última fase dos monumentos megalíticos, data da primeira metade do II.<sup>o</sup> milénio a. C., e corresponde a túmulos cuja tendência geral é para a pouca perceptibilidade na paisagem, com câmaras pequenas e baixas, sugerindo um «individualismo dos rituais» e a perda do «carácter de referências comunitárias» presente anteriormente <sup>(38)</sup>.

Como hipótese de trabalho, as comparações efectuadas parecem-nos pertinentes, mas só projectos de investigação sistemáticos, poderão resolver as questões que sobre este aspecto ficaram em aberto.

#### *Considerações de ordem económica e social (Est. I, 2):*

Apesar da diversidade de soluções encontradas ao nível da dispersão, distribuição espacial, tipologia dos monumentos, possível variabilidade sócio-económica dos construtores de megálitos e eventual amplitude cronológica há denominadores comuns no fenómeno megalítico do Arestal a reter:

a) - Grande número e dispersão de monumentos megalíticos na paisagem, o que não significa forçosamente grande densidade demográfica, se tivermos em conta a grande duração cronológica que este fenómeno pode ter tido no local.

b) - Todos os monumentos são construídos nas *proximidades de afloramentos graníticos*, matéria prima indispensável para a sua construção, o que nos pode levar a pensar, tal como alguns autores, que estaríamos na presença de pequenas comunidades humanas, cujos *reduzidos recursos construtivos* a nível de transporte e possivelmente sócio-económicos as obrigariam a construir junto aos referidos afloramentos <sup>(39)</sup>.

c) - Grande percentagem dos monumentos distribuem-se pelos *planaltos superiores* ou na *encosta Este da Serra do Arestal*.

d) - Inexistência de monumentos megalíticos conhecidos abaixo da curva de nível dos 500m.

e) - Os monumentos megalíticos encontram-se todos *junto de lameiros ou de nascentes*.

Os factos apresentados nas alíneas c) e d) podem prender-se evidentemente com as características da própria serra, cujas vertentes, de uma forma geral se tornam bastante abruptas abaixo dos 500m, sendo a partir daí muito pequenas as chãs com possibilidades agrícolas. Pensamos que os construtores de megálitos viveram predominantemente nas áreas onde os construíram, isto é, acima dos 500m de altitude, recorrendo possivelmente aos *recursos que a*

<sup>(35)</sup> A. M. S. BETTENCOURT, em Julho/Agosto de 1988 no âmbito de um projecto denominado «Campo Arqueológico da Serra do Arestal».

<sup>(36)</sup> V. O. JORGE, 1978, p. 379.

<sup>(37)</sup> V. O. JORGE, *et alii*, 1988.

<sup>(38)</sup> V. O. JORGE, 1989, p. 398.

<sup>(39)</sup> F. CRIADO BOADO, 1984, p. 9-10; R. FABREGAS VALCARE, 1988, p. 58.

*pastorícia lhes poderia fornecer* (aqui, na falta de dados arqueológicos, recorreremos às comparações etnológicas locais. Grande parte da população rural viveu da pastorícia do gado caprino, ovino e bovino, até incios do séc. XX, como complemento importante de uma agricultura bastante pobre).

*O recurso à pastorícia seria completado com uma agricultura de subsistência praticada em lameiros* <sup>(40)</sup>, facto que se parece confirmar pela presença de nascentes junto dos monumentos megalíticos, pela exumação de machados de pedra polida, elementos móveis e fixos de moinho e também pela perpetuação até à actualidade de uma agricultura pobre, feita nas chãs da serra e normalmente muito perto dos monumentos. Aliás, a vinculação dos monumentos megalíticos com solos aráveis adaptáveis a uma agricultura com tecnologias pouco desenvolvidas tem vindo também, a ser observada na Galiza <sup>(41)</sup>.

O uso do *sílex como matéria prima* fundamental no fabrico de espólio lítico lascado, será representativo de *relações de intercâmbio a nível inter-regional?*

Em caso afirmativo, qual seria a intensidade e importância dessas relações?

Quais os mecanismos sócio-económicos que os permitiram?

São questões que ficam em aberto, bem como muitas sobre o megalitismo da Serra do Arestal.

Braga / Coimbra 1989

---

<sup>(39)</sup> F. CRIADO BOADO, 1984, p. 9-10; R. FABREGAS VALCARCE, 1988, p. 58.

<sup>(40)</sup> V. O. JORGE, 1982, vol. 1, p. 704, 852-853 põe a hipótese de uma economia mista baseada na exploração agrícola e pastoril para as comunidades construtoras de megálitos na Serra da Aboboreira.

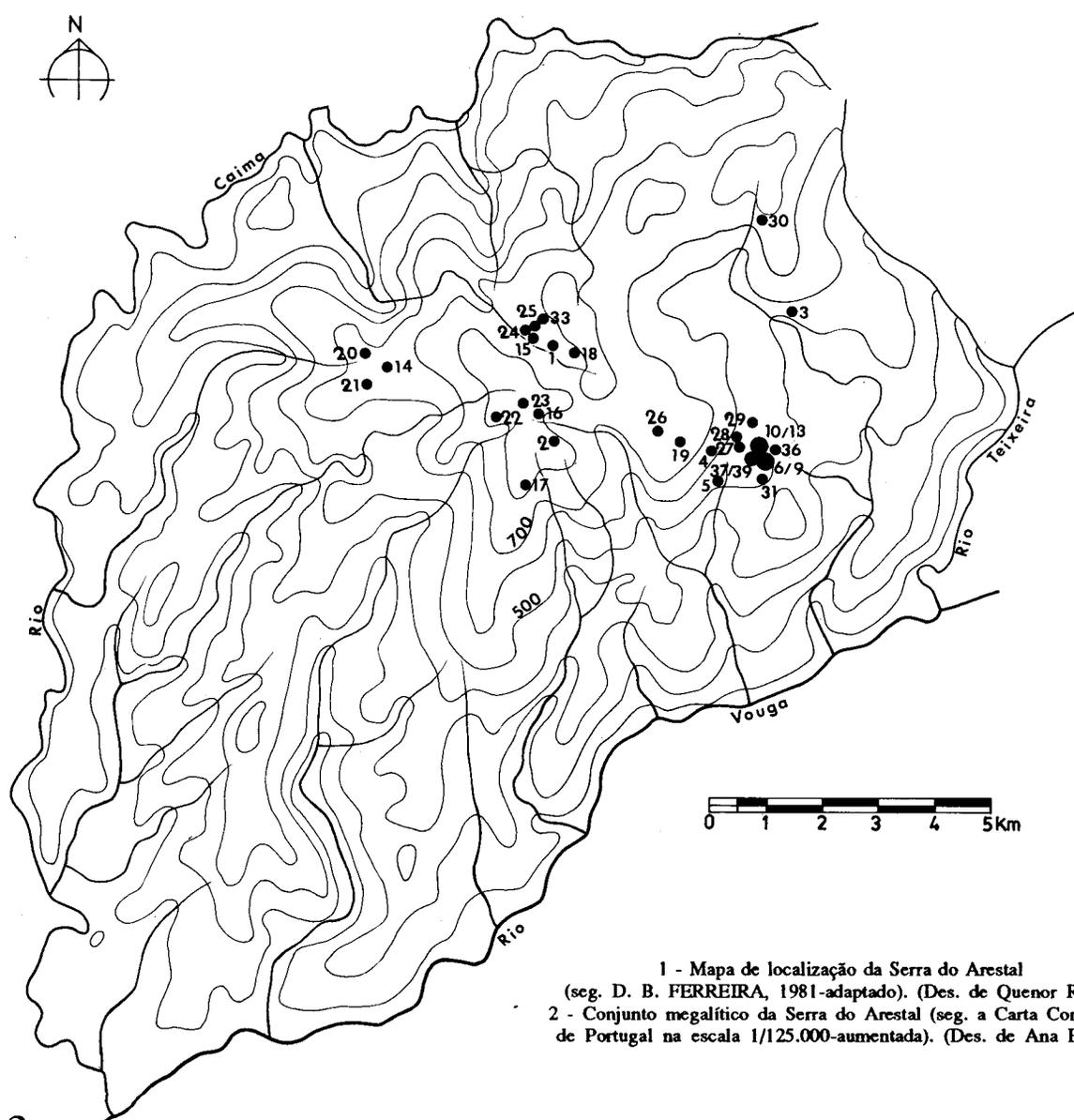
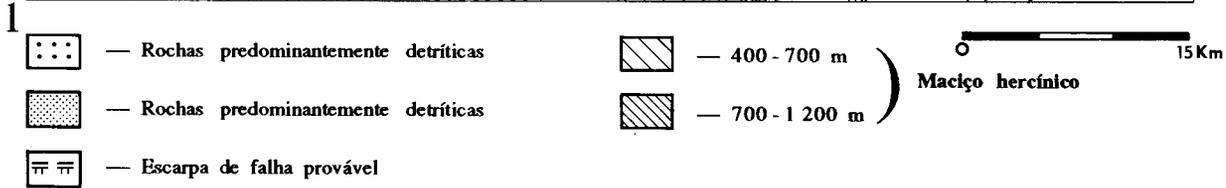
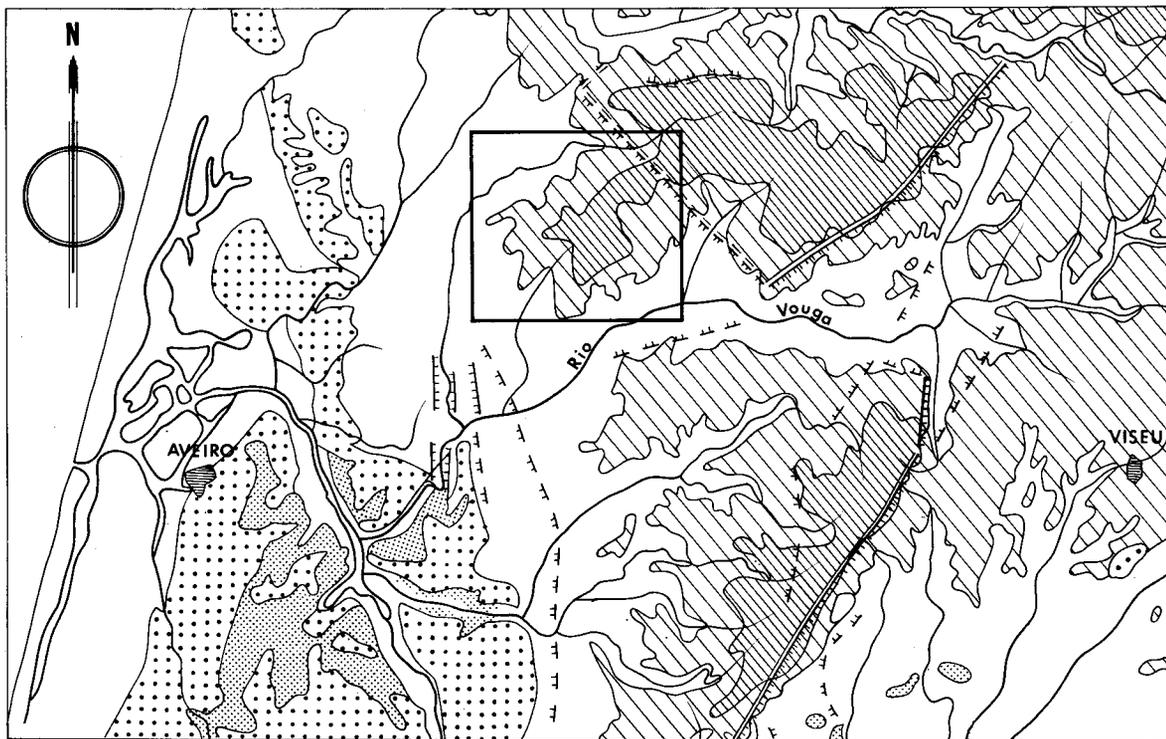
<sup>(41)</sup> F. CRIADO BOADO, 1984, p. 151-160; R. FABREGAS VALCARCE, 1988, p. 58, 60-61.

## ÍNDICE DOS MONUMENTOS CARTOGRAFADOS POR ORDEM ALFABÉTICA

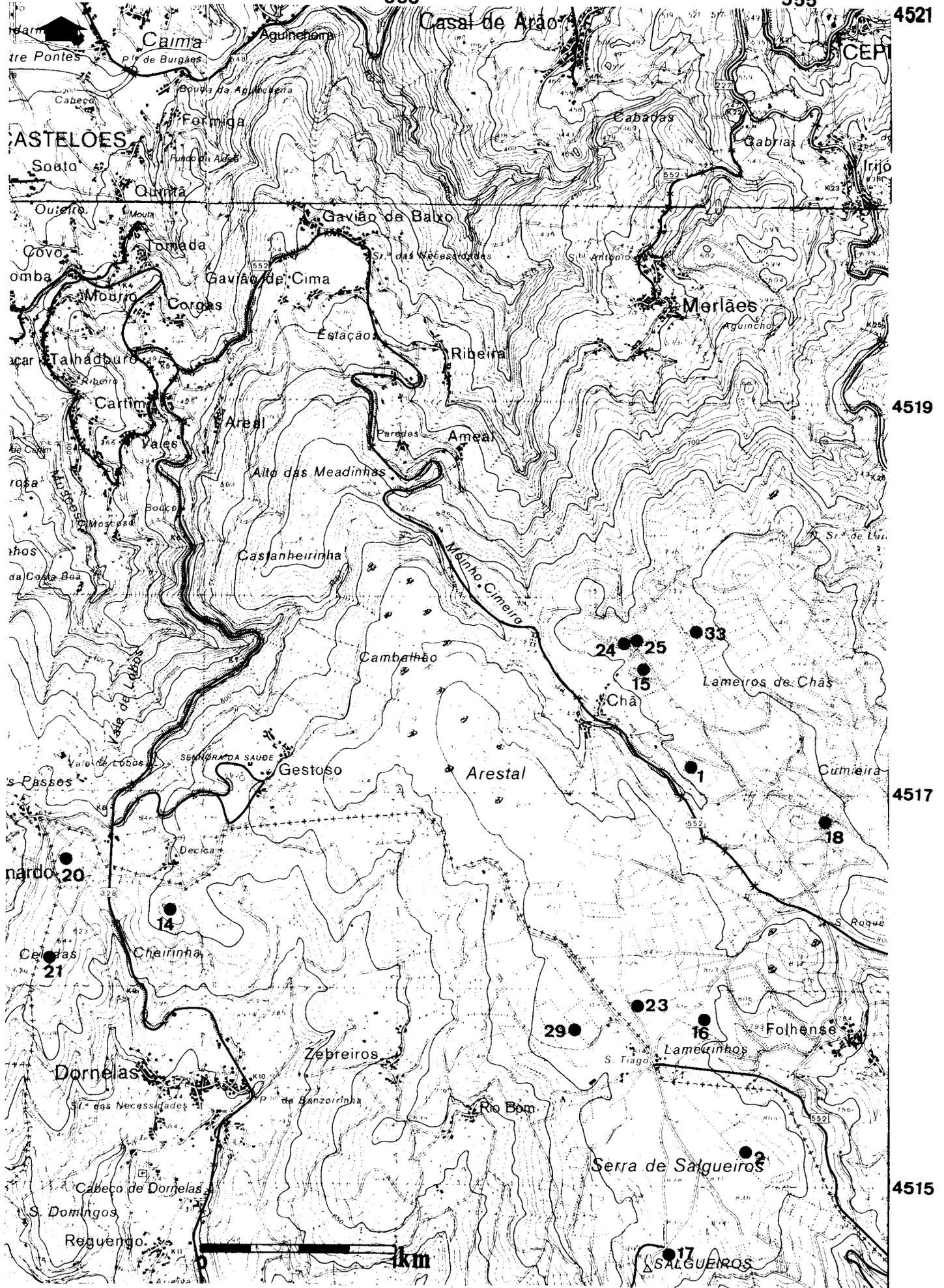
DESIGNAÇÃO	LUGAR	FREGUESIA	CONCELHO	N.ºORDEM
- Águas (das)	Chã	Junq.	V. Cambra	1
- Alagôa (d') / Alto do Biso (do)	R. Vouga	R. Vouga	S. Vouga	2
- Alto do Biso (do) / Alagôa (d')	"	"	"	2
- Alto do Cruzeiro (do)	Arões	Arões	V. Cambra	3
- Arieiro (do) / Souto do Coval 3 (do)	Cov.	C. Est.	S. Vouga	4
- Cabeço do Fojo / Cemitério dos Mouros	"	"	"	5
- Cabeço de S. Tiago (do) / Cerqueira (da)	Cerq.	C. Est.	"	31
- Casa da Moura / Lameiro do Ouguedelo / Aguedelo / / Coval / Mouraceira	Cov.	"	"	19
- Cemitério dos Mouros / Cabeço do Fojo	Cov.	C. Est.	"	5
- Cerqueira (da) / Cabeço de S. Tiago (do)	Cerq.	"	"	31
- Cerqueira 1 (da) / Pedra Moura 1 (da)	"	"	"	6
- " 2 (da) / " " 5 (da)	"	"	"	7
- " 3 (da) / " " 4 (da)	"	"	"	8
- " 4 (da) / " " 3 (da)	"	"	"	9
- " 5 (da) / " " 11 (da)	"	"	"	10
- " 6 (da) / " " 9 (da)	"	"	"	11
- " 7 (da) / " " 10 (?) (da)	"	"	"	12
- " 8 (da) / " " 10 (?) (da)	"	"	"	13
- Cheirinha (da)	Dorn.	S. Esc.	"	14
- Cimo do Lameiro (do)	Chã	Junq.	V. Cambra	15
- Costa d' Arca (da)	C. Arca	Arões	"	32
- Coval / Lameiro do Ouguedelo / Aguedelo / / Casa da Moura / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Cruz (da) / Lameiro Longo (do)	Fol.	Junq.	"	16
- Espinheirinha (da)	Bor.	R. Vouga	S. Vouga	17
- Fonte Cebola	Chã	Junq.	V. Cambra	33
- Irijó (de)	Ir.	Cep.	"	34
- Lameiro (do)	Junq.	Junq.	V. Cambra	18
- Lameiro do Aguedelo / Ouguedelo (do) / / Casa da Moura / Coval / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Lameiro Longo (do) / Cruz (da)	Fol.	Junq.	V. Cambra	16
- Lameiro do Ouguedelo (do) / Aguedelo / / Casa da Moura / Coval / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Lomba 1 (da)	Dorn.	S. Esc.	"	20
- Lomba 2 (da)	"	"	"	21
- Merlães (de)	Merl.	Cep.	V. Cambra	35
- Mouraceira / Lameiro do Ouguedelo / / Aguedelo / Casa da Moura / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Novas (das)	Nov.	Arões	V. Cambra	22
- Outeiro Castêlo (do) / Preirada (da)	Fol.	Junq.	"	23
- Pedra Moural 1 (da) / Cerqueira 1 (da)	Cerq.	C. Est.	S. Vouga	6
- " " 2 (da)	"	"	"	36
- " " 3 (da) / " 4 (da)	"	"	"	9
- " " 4 (da) / " 3 (da)	"	"	"	8
- " " 5 (da) / " 2 (da)	"	"	"	7
- " " 6 (da)	"	"	"	37
- " " 7 (da)	"	"	"	38
- " " 8 (da)	"	"	"	39
- " " 9 (da) / " 6 (da)	"	"	"	11
- " " 10 (?) (da) / " 7 (da)	"	"	"	12
- " " 10 (?) (da) / " 8 (da)	"	"	"	13
- " " 11 (da) / " 5 (da)	"	"	"	10
- Preirada (da) / Outeiro Castêlo (do)	Fol.	Junq.	V. Cambra	23
- Presa Grande 1 (da)	Chã	"	"	24
- Presa Grande 2 (da)	"	"	"	25
- Sobreirinha (da)	Ag.	Junq.	V. Cambra	26
- Souto do Coval 1 (do)	Cov.	C. est.	S. Vouga	27
- " " 2 (do)	"	"	"	28
- " " 3 (do) / Arieiro (do)	"	"	"	4
- Tarranha (mamua) / Terranha (da)	Arest.	S. Esc.	S. Vouga	29
- Terranha (da) / Tarranha (mamua)	"	"	"	29
- Vale Mau (do)	M. Velha	Arões	V. Cambra	30

## BIBLIOGRAFIA

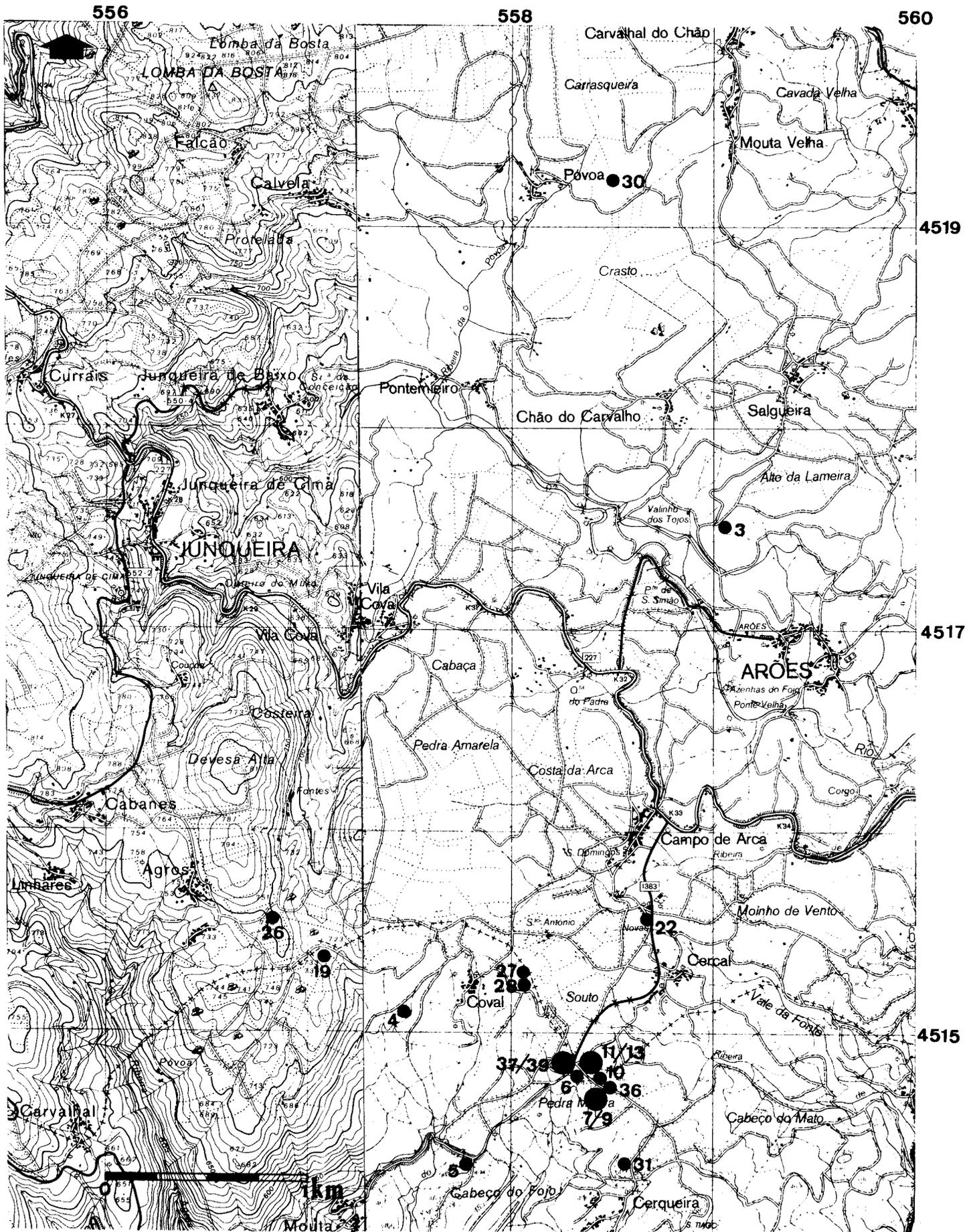
- ALBERGARIA, A.-1972 - Cepelos, história e tradições, jornal *A Voz de Cambra*, ano 2, 33, 15 de Setembro, p. 3.
- ARNAUT, J. M.-1978 - O megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1977, vol. 1, Lisboa, p. 97-112.
- BETTENCOURT, A. M. S. - 1982 - A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, *Arqueologia*, 5, Junho, Porto, p. 40-43.
- Idem-1988 - Os vasos tronco-cónicos da estação arqueológica do Castelo-Sever do Vouga, *Arqueologia*, 18, Dezembro, p. 99-104.
- Idem-1989 - Campanha de escavação e consolidação da Mamoa 1 da Cerqueira (Serra do Arestal) - Sever do Vouga, *Arqueologia*, 19, Junho, Porto, p. 85-113.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A.-1956 - Acerca dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga, *Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, Coimbra, 1956*, T. VIII - Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra p. 471-481.
- COELHO, J.-1947 - Notas arqueológicas IV, sepulturas através dos tempos, *Beira Alta*, 6(2), Viseu, p. 99-114.
- CRIADO BOADO, R.-1984/85 - «El tercer factor» o la logica oculta del emplazamiento de los túmulos megalíticos gallegos, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 35(100), p. 7-18.
- Idem-1988 - Mamias y rozas: panorama general sobre la distribución de los túmulos megalíticos gallegos, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22-24 de Setembro de 1988)*, vol. 1 in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 151-160.
- CRIADO BOADO, F.; FABREGAS VALCARCE, R.-1989 - Aspectos generales del megalitismo galaico, *Arqueologia*, 19, Junho, Porto, p. 48-63.
- CRUZ, D. J.-1988 - O Megalitismo do Norte de Portugal, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22-24 de Setembro de 1988)*, vol. 1, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 15-49.
- FABREGAS VALCARCE, R.-1988 - Megalitismo de Galicia, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22 a 24 de Setembro de 1988)*, vol. 1, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 57-77.
- FERREIRA, D. B.-1981 - *Carte Geomorphologique du Portugal*, (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 6), Lisboa.
- GIRÃO, A. A.-1921 - *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra.
- Idem-1922 - *Bacia do Vouga*, Coimbra.
- JORGE, S. O.-1978 - O Megalitismo no contexto neolítico Peninsular, *Revista de Guimarães*, 88, Janeiro-Dezembro, p. 369-387.
- Idem - 1986-*Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar* Porto, (3 vols.)
- JORGE, V. O.-1982 - *O Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto-Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (2 vols.). (Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras do Porto), Porto.
- JORGE, V. O.-1989 - Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, 2. Sér., 6, Porto, p. 365-443.
- JORGE, V. O.; BETTENCOURT, A. M. S.-1988 - Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 17 Junho, Porto, p. 73-118.
- KÄLB, P.; HÖCK, M.-1979 - Escavações na necrópole de mamias «Fonte da Malga» - Viseu, Portugal, *Beira Alta*, 38(3), p. 595-604.
- Idem-1979 - Ausgrabungen in der grabhägelnecropole Fonte da Malga, (Viseu, Portugal), *Madrider Mitteilungen*, 20, Madrid, p. 43-55.
- Idem-1981 - Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, Madrid, p. 55-77.
- MOITA, I.-1966 - Características predominantes do grupo dolmênio da Beira Alta, *Ethnos*, 5, Lisboa, p. 189-312.
- PEREIRA, E.; GONÇALVES, M. S.; MOREIRA, A.-1980 - *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50.000. Notícia explicativa da folha 13-D de Oliveira de Azeméis*, Lisboa.
- REBELO, T. M.-1988 - *Informações arqueológicas: Arões, Castelões, Junqueira (Vale de Cambra)*. Coimbra (trabalho fotocopiado apresentado no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra no âmbito da disciplina de Técnicas de Investigação Arqueológicas).
- SILVA, M. M. M.-1986 - *Megalitismo na bacia hidrográfica do baixo Vouga*, Coimbra (trabalho apresentado ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra no âmbito da disciplina de Pré-História Peninsular e Europeia).



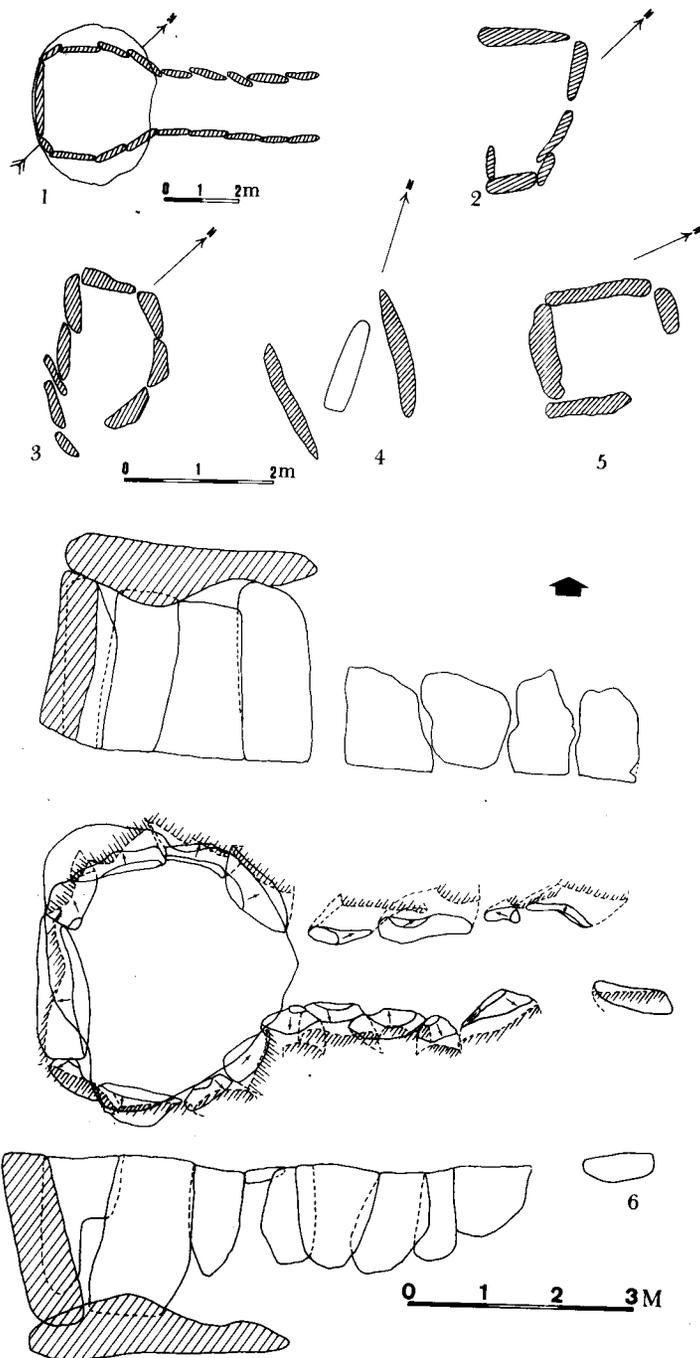
1 - Mapa de localização da Serra do Arestal (seg. D. B. FERREIRA, 1981-adaptado). (Des. de Quenor Rocha)  
 2 - Conjunto megalítico da Serra do Arestal (seg. a Carta Corográfica de Portugal na escala 1/125.000-aumentada). (Des. de Ana Fontes).



Localização dos monumentos megalíticos na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000.  
As coordenadas expressas correspondem ao ponto central dos círculos pretos.

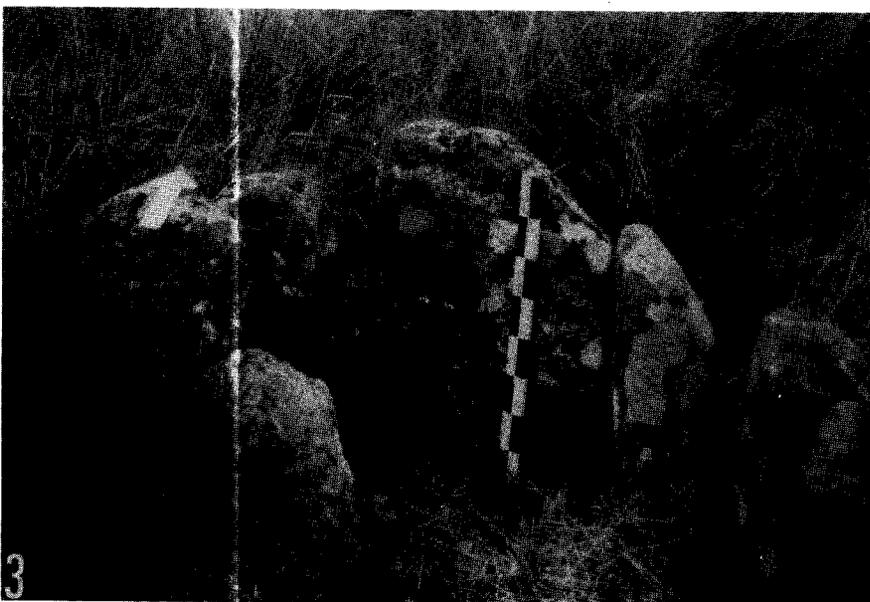
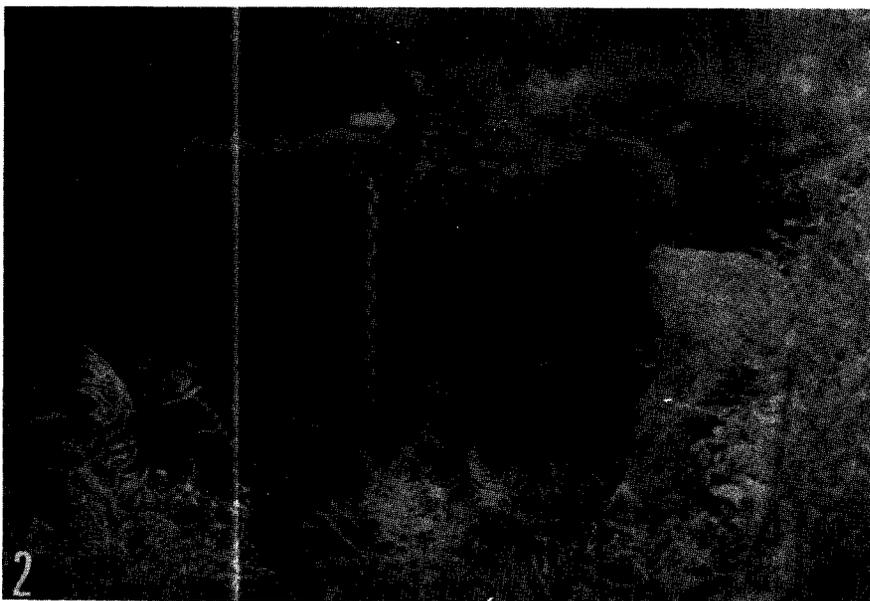
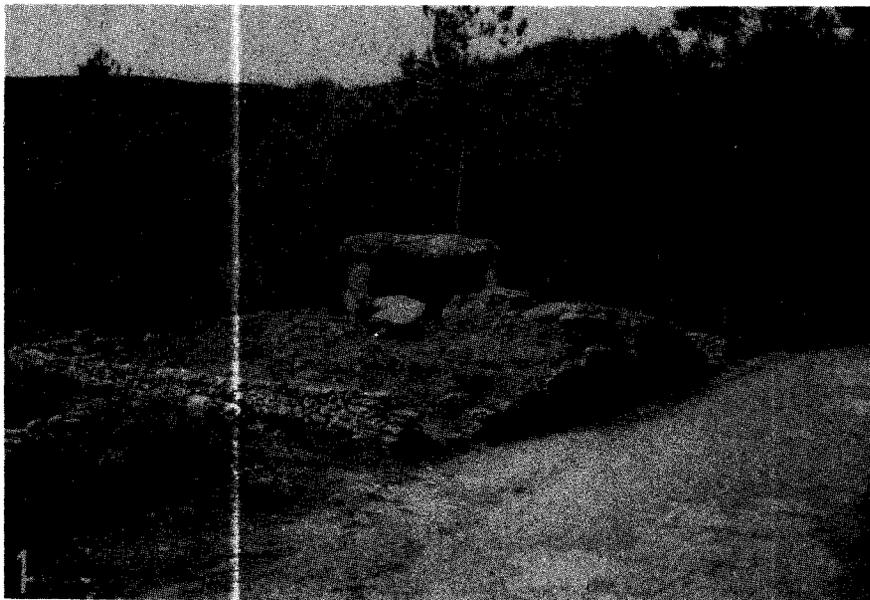


Localização dos monumentos megalíticos na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000.  
Os círculos pequenos representam 1 monumento e os maiores 3.

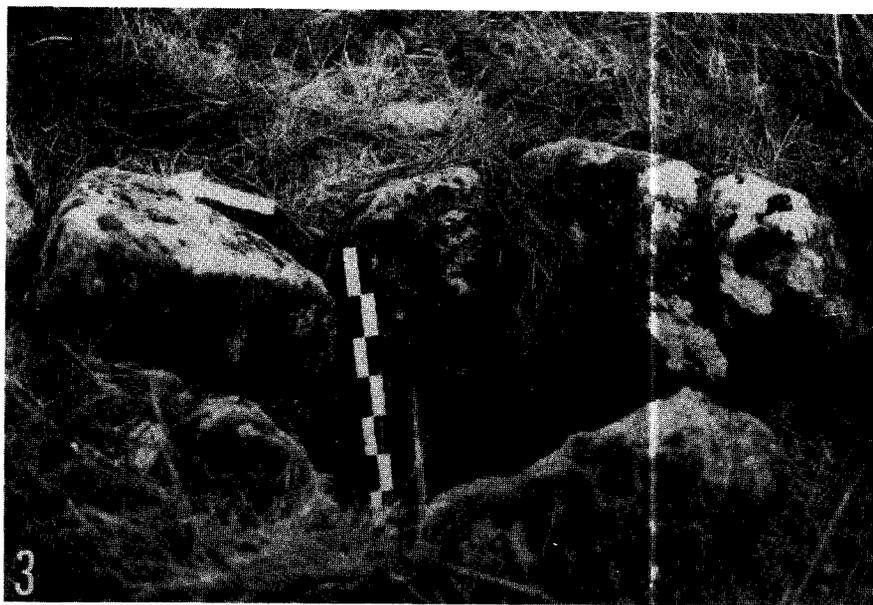
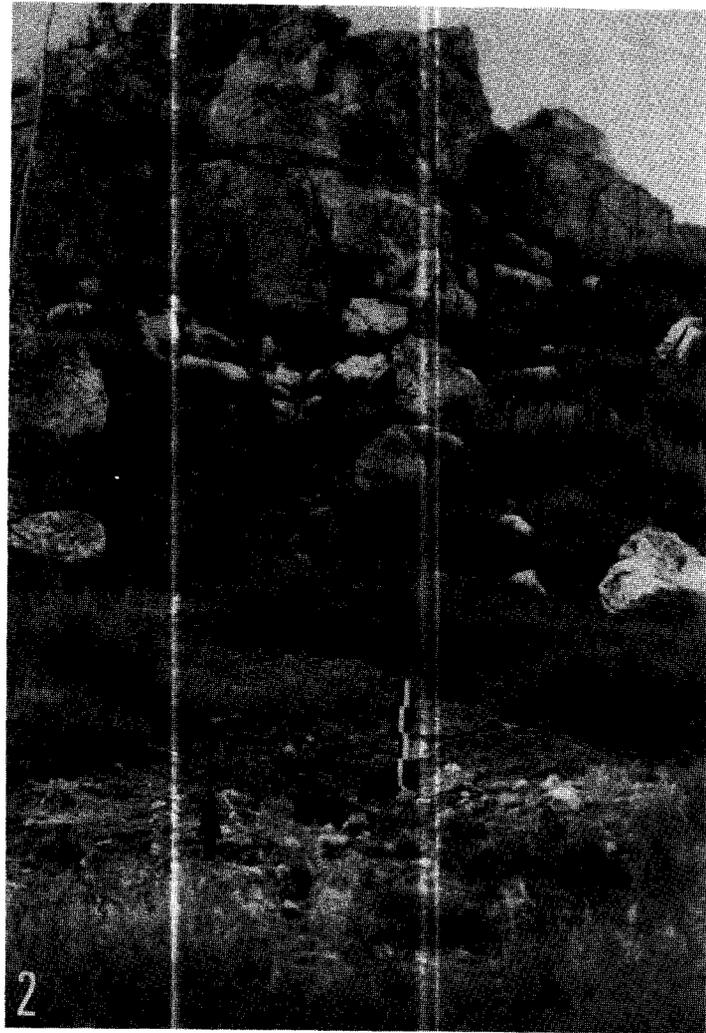
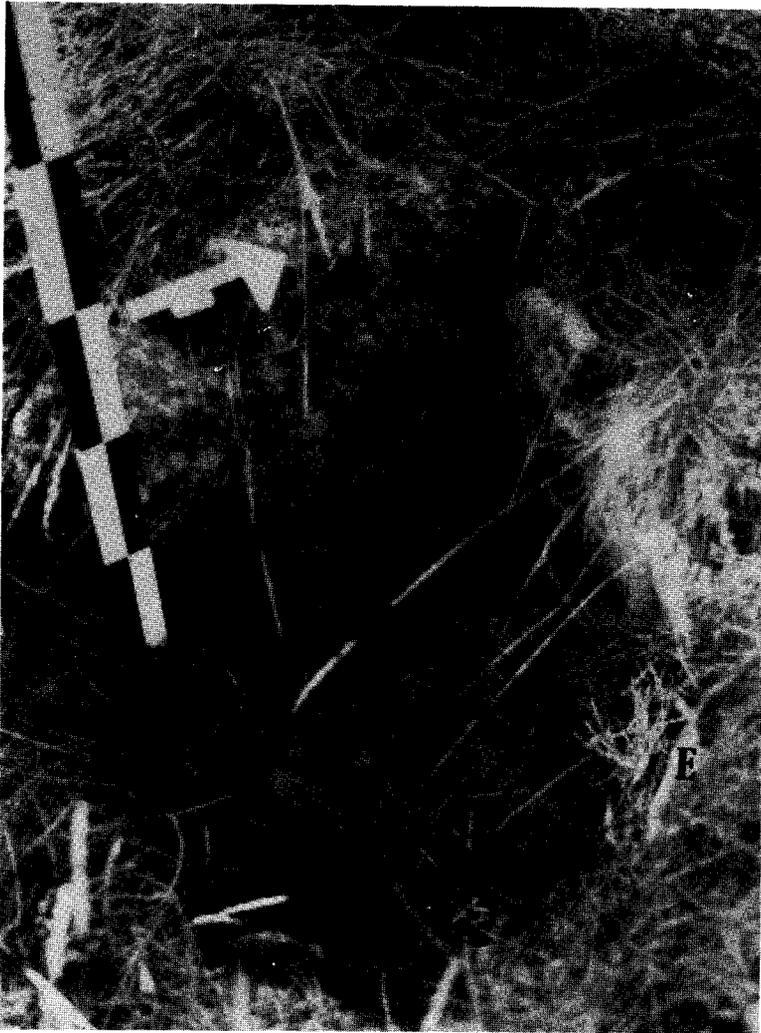


Plantas de alguns monumentos megalíticos:

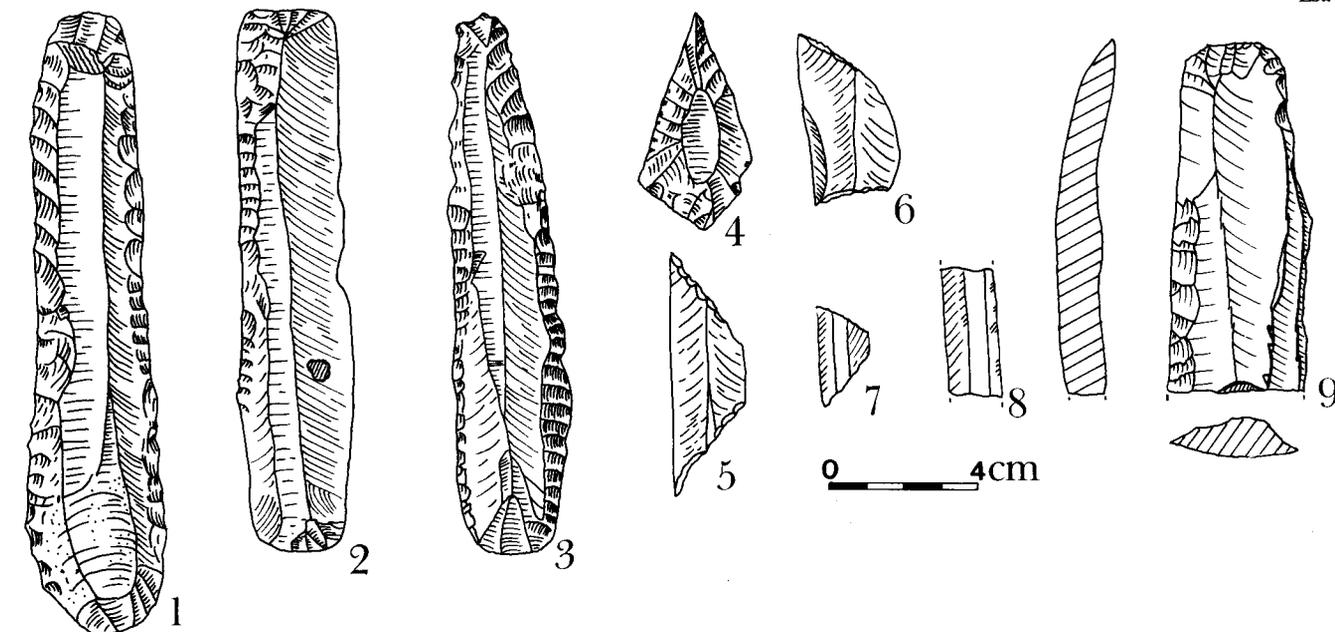
- 1 - Mamoa do Lameiro do Ouguedelo (seg. A. A. Girão, 1921, 1922); 2 - Mamoa da Cerqueira 3; 3 - Mamoa do Souto do Coval 1; 4 - Mamoa da Pedra Moura 6; 5 - Mamoa da Cerqueira 2 (Estas quatro plantas foram desenhadas seg. L. Castro *et alii*, 1957); 6 - Mamoa da Cerqueira 1 (seg. A. M. S. Bettencourt, 1989-adaptado).



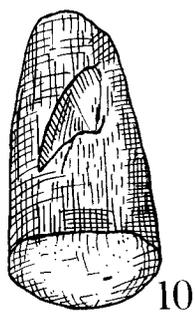
1 - Mamoa da Cerqueira 1, após os trabalhos de escavação e consolidação realizados em 1988;  
2 - Pormenor da câmara da Mamoa do Lameiro do Ouguedelo onde se pode observar que a  
couraça lítica superficial ainda se encontra ao nível do topo dos esteios;  
3 - Câmara megalítica da Mamoa do Souto do Coval 1 (Fot. de Ana Bettencourt).



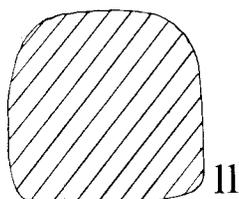
1 - Câmara da Mamoa do Alto do Cruzeiro; 2 - Aspecto geral da Mamoa do Vale Mau;  
3 - Câmara da Mamoa do Lameiro (Fot. de Ana Bettencourt).



0 2cm

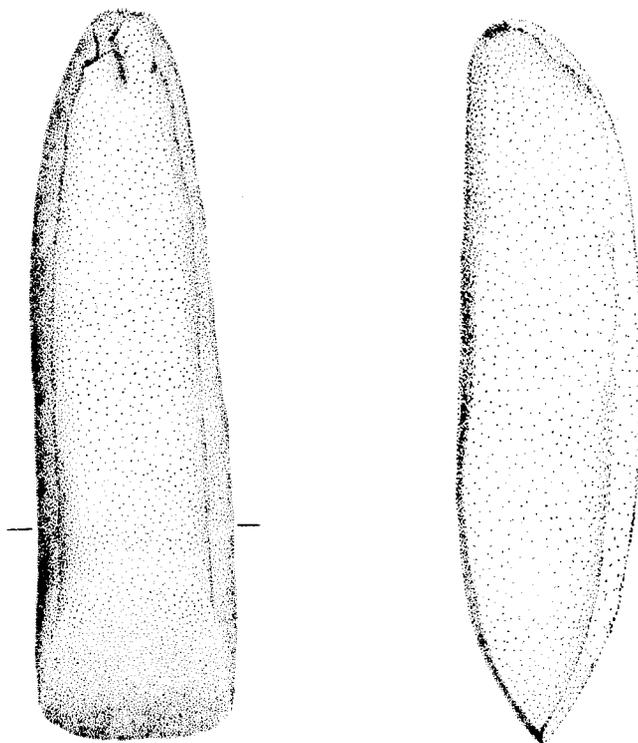


10

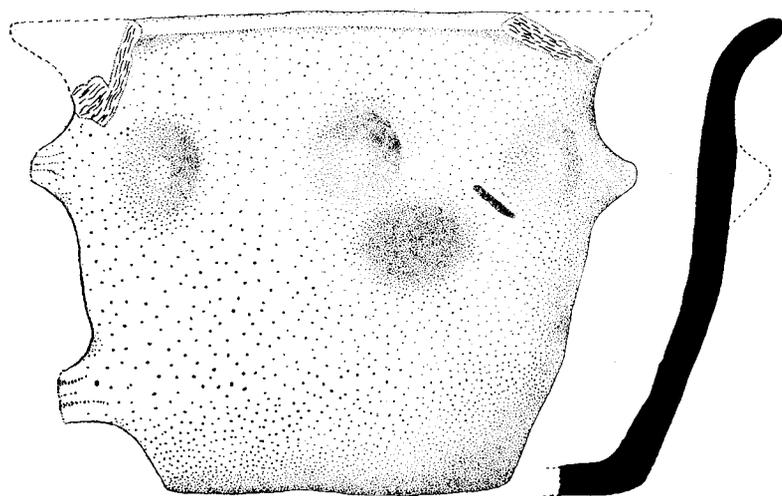


11

0 4cm

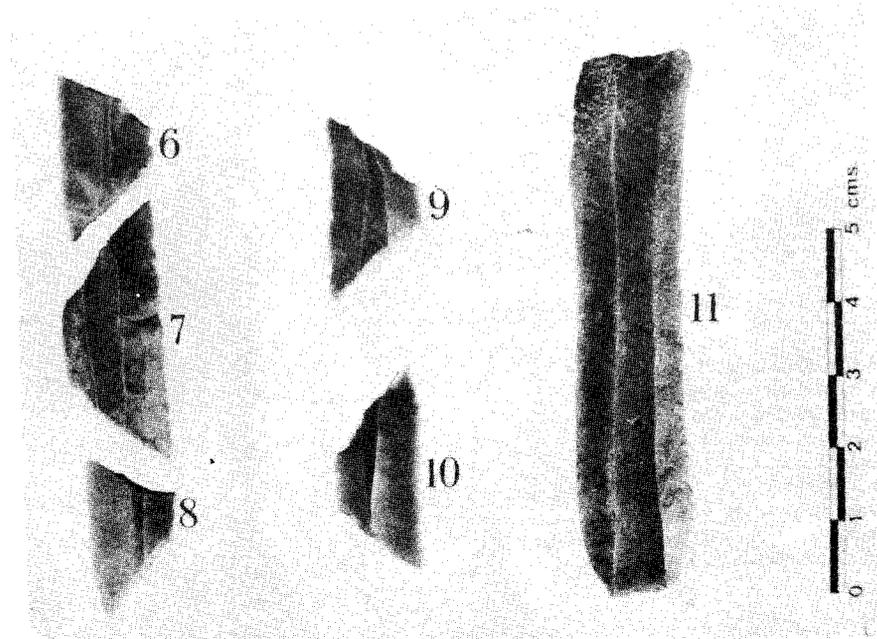
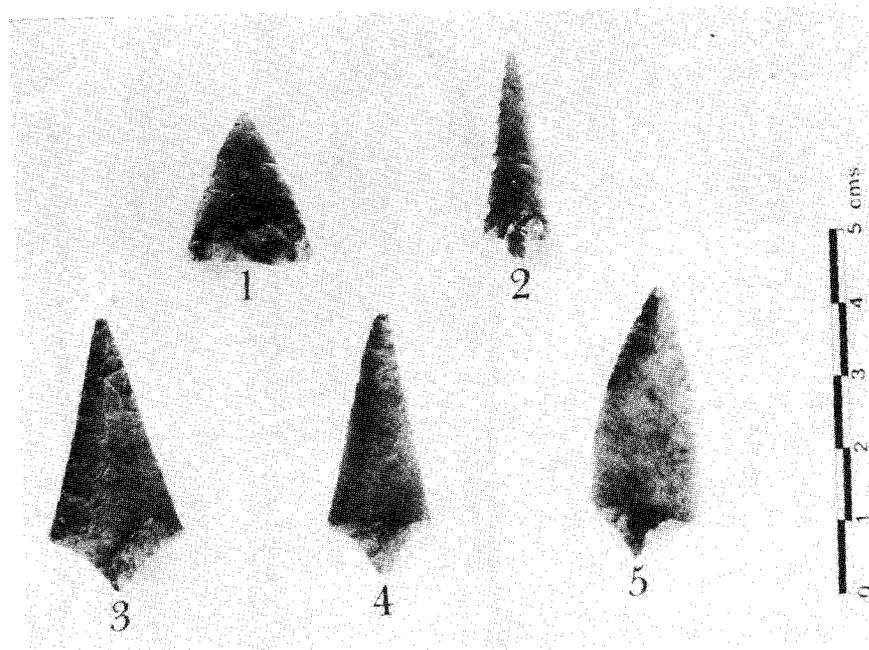
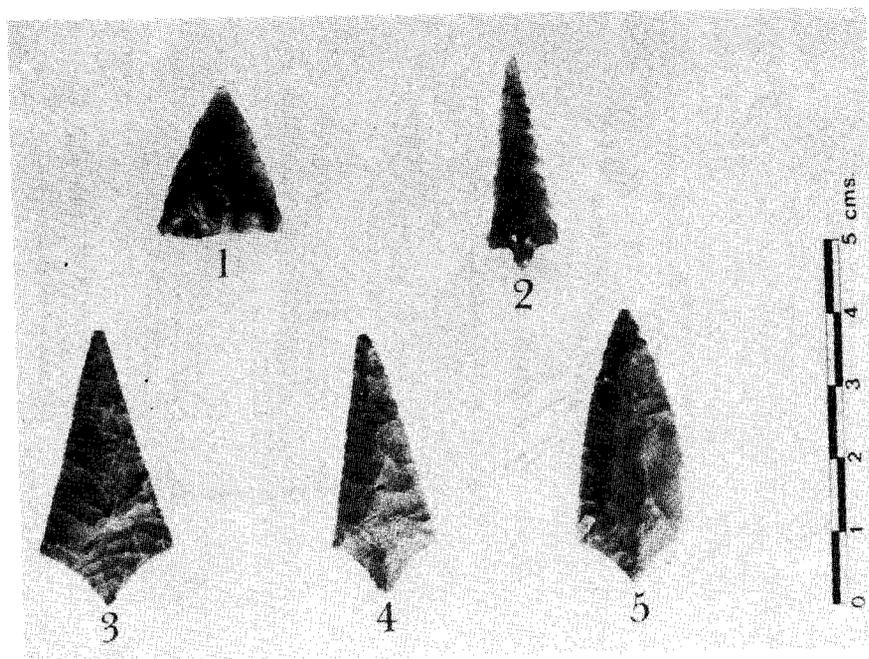


1 a 4 - Objectos encontrados na Mamoa da Cerqueira 1;  
 5 - Micrólito proveniente da Mamoa da Cerqueira 2;  
 6 e 10 - Material da Mamoa da Pedra Moura 6 (Os desenhos de 1 a 6 e 10 foram feitos seg. L. A. Castro *et alii*, 1957);  
 7 a 8 - Objectos provenientes da mamoa do Lanciro do Ouguedelo (seg. A. A. Girão, 1921); 9 e 12 - Artefactos exumados da Mamoa da Terranha (seg. A. M. S. Bettencourt, 1982 - modificados parcialmente); 11 - Machado encontrado na Mamoa da Cruz (seg. A. M. S. Bettencourt, 1982).



0 6cm

12



Material proveniente da Mamoa da Cerqueira 1 (Fot. de Manuel Santos).